



República Federativa do Brasil

EDIÇÃO ESPECIAL



DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

MESA		
Presidente Antonio Carlos Magalhães – PFL – BA 1º Vice-Presidente Geraldo Melo – PSDB – RN 2º Vice-Presidente Ademir Andrade – Bloco – PA 1º Secretário Ronaldo Cunha Lima – PMDB – PB 2º Secretário Carlos Patrocínio – PFL – TO		3º Secretário Nabor Júnior – PMDB – AC 4º Secretário Casildo Maldaner – PMDB – SC Suplentes de Secretário 1º Eduardo Suplicy – Bloco – SP 2º Lúcio Coelho – PSDB – MS 3º Jonas Pinheiro – PFL – MT 4º Marluce Pinto – PMDB – RR
CORREGEDORIA PARLAMENTAR Corregedor⁽¹⁾ Romeu Tuma – PFL – SP Corregedores Substitutos⁽¹⁾ Ramez Tebet – PMDB – MS Vago Lúcio Alcântara – PSDB – CE (1) Reeleitos em 2-4-97		PROCURADORIA PARLAMENTAR Procuradores(2) Amir Lando – PMDB – RO Ramez Tebet – PMDB – MS Alberto Silva – PMDB – PI Djalma Bessa – PFL – BA Bernardo Cabral – PFL – AM (2) Designação: 30-6-99
LIDERANÇAS		
LIDERANÇA DO GOVERNO Líder José Roberto Arruda Vice-Líderes Romero Jucá Moreira Mendes LIDERANÇA DO PFL – 21 Líder Hugo Napoleão Vice-Líderes Edison Lobão Francelino Pereira Romão Tuma Eduardo Siqueira Campos Mozarildo Cavalcanti Vago Vago	LIDERANÇA DO PMDB – 26 Líder Jadar Barbalho Vice-Líderes José Alencar Iris Rezende Amir Lando Ramez Tebet Gilberto Mesquita Roman Calheiros Aguiar Alves Vago LIDERANÇA DO BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT/PDT) – 10 Líder Helena Helena Vice-Líderes Eduardo Suplicy Sébastien Rocha Jefferson Pires	LIDERANÇA DO PSDB – 14 Líder Sérgio Machado Vice-Líderes Omar Dias Pedro Fiva Romero Jucá Vago LIDERANÇA DO PPB – 2 Líder Laomar Quintanilha Vice-Líder Vago LIDERANÇA DO PPS – 3 Líder Paulo Hartung Vice-Líder Vago LIDERANÇA DO PSB – 3 Líder Roberto Saturnino Vice-Líder Vago LIDERANÇA DO PTB – 1 Líder Artindo Porto
EXPEDIENTE		
Agência da Silva Maia Diretor-Geral do Senado Federal Claudio Moura Nunes Diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações Júlio Werner Padua Diretor da Subsecretaria Industrial		Raimundo Correia Silva Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal Marcia Maria Correa de Azevedo Diretora da Subsecretaria de Ata Daniela Ortega de Sousa Diretora da Subsecretaria de Tipografia

Impresso sob a responsabilidade da Presidência do Senado Federal. (Art. 48, nº 31, RISF)

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 42ª SESSÃO ESPECIAL, EM 26 DE ABRIL DE 2000

1.1 – ABERTURA

1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a comemorar os 40 anos de Brasília, nos termos dos Requerimentos nºs 124, 125 e 126, de 2000, de autoria dos Senadores Luiz Estevão, José Roberto Arruda e outros Senadores.

1.2.1 – Oradores

Senador José Roberto Arruda.....	08008
Senador Luiz Estevão.....	08014
Senador Iris Rezende.....	08016
Senador Maguito Vilela.....	08020

Fala associativa da Presidência (Senador Geraldo Melo).....	08022
---	-------

Senador Lúcio Alcântara (Nos termos do art. 203, do Regimento Interno).....	08022
---	-------

1.3 – ENCERRAMENTO

2 – AGENDA CUMPRIDA PELO PRESIDENTE ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, EM 26-4-2000

3 – CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR

4 – COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

5 – COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA)

Ata da 42ª Sessão Especial em 26 de abril de 2000

2ª Sessão Legislativa Ordinária da 51ª Legislatura

Presidência dos Srs.: Antonio Carlos Magalhães e Geraldo Melo

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 20 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Melo) – Sob a proteção de Deus, iniciamos nossos trabalhos.

Declaro aberta a Sessão Especial do Senado Federal que, em atendimento aos Requerimentos nºs 124, 125 e 126, de 2000, de autoria dos Senadores Luiz Estevão, José Roberto Arruda e outros, destina-se a comemorar os quarenta anos da inauguração de Brasília.

Encontra-se presente entre os convidados e participantes desta sessão o ex-Senador Emival Caiado, que, como Deputado Federal, foi o autor do projeto de resolução que criou a Comissão de Mudança da Capital. A Presidência tem o prazer de convidar S. Exª a fazer parte da Mesa. (Palmas!)

Concedo a palavra ao Senador José Roberto Arruda.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, Srªs e Srs. Deputados, cumprimento V. Exªs e todos os senhores e senhoras que ajudaram e ajudam a construir Brasília e fazem uma homenagem a esta cidade e a esta Casa com suas presenças neste plenário.

Peço licença ao Senador Geraldo Melo, Vice-Presidente do Congresso Nacional e Presidente em exercício desta sessão solene, para cumprimentar todos os Senadores, citando nominalmente os Senadores Maguito Vilela e Hugo Napoleão, que, por razões familiares, participaram da decisão de construir Brasília e, depois, da sua própria construção.

O Senador Maguito Vilela é cunhado de um personagem muito jovem e impetuoso que entrou para a História política brasileira, o famoso Toniquinho, que participou do primeiro comício da campanha de Juscelino Kubitschek na cidade de Jataí. Registra a História que nesse dia choveu muito e que, por isso, o comício foi transferido da praça pública para o único galpão que existia na cidade e que pertencia a uma oficina mecânica. Juscelino – que havia marcado esse primeiro comício em uma pequena cidade de Goiás – subiu na carroceria de um caminhão exatamente para

demonstrar a sua inequívoca determinação de que trabalharia pela integração do País, caso fosse eleito Presidente. O núcleo de seu discurso centrava-se no fato de que, se eleito, cumpriria rigidamente tudo o que estava disposto na Constituição brasileira.

Vale lembrar, até porque hoje estão nesta Casa muitos jovens, que o Brasil da época estava dolorido pelos incidentes que marcaram o início dos anos 50 e, mais especificamente, pelos episódios que se sucederam à morte de Getúlio em agosto de 1954. Cumprir a Constituição, portanto, era algo que se exigia de um candidato à Presidência.

Juscelino Kubitschek, saindo do Governo de Minas Gerais, com a autoridade de quem tinha feito um grande governo, afirmou, em Jataí, que cumpriria rigidamente a Constituição. Eis que, terminado o seu discurso, aquele jovem impetuoso, Toniquinho, levanta a mão e o interpela. Juscelino, democrata, sugere, então, que ele faça a sua pergunta. Toniquinho, então, indaga: "Governador, o senhor é candidato à Presidência e acaba de dizer que, se eleito, cumprirá a Constituição. Um dos itens constitucionais determina que a Capital da República seja transferida do Rio de Janeiro para o Planalto Central, especificamente em uma área do Estado de Goiás já demarcada como quadrilátero Cruls. Se eleito, o senhor cumprirá também essa determinação da Constituição?". Juscelino, com seu bom humor, descreve isso, em suas memórias, de uma maneira muito interessante. Ele disse que foram trinta segundos de perplexidade íntima. Afirmar que transferiria a Capital seria assumir um compromisso extremamente difícil, senão impossível; além do mais, era difícil dar a esse compromisso alguma credibilidade. Por outro lado, dizer que não iria cumpri-la, em seu primeiro discurso de campanha, seria colocar em dúvida o que era básico em seu programa de candidato à Presidência: o cumprimento da Constituição. Vencidos aqueles instantes mínimos de perplexidade, ele não teve dúvidas: respondeu que iria cumprir a Constituição e que transferiria a Capital para Brasília em seu período de Governo.

Toda a imprensa brasileira havia se deslocado para Jataí, com as dificuldades da época, para cobrir aquele primeiro comício de campanha. Obviamente, no dia seguinte, com perplexidade diante do peso daquela declaração, registrou a afirmação do Presidente e, mais do que isso, as dúvidas que a mesma ensejava. E ainda registrava, Senador Geraldo Melo: "O que não faz um político para ganhar uma eleição? Promete até transferir a Capital para o Centro-Oeste". É claro que era muito difícil, naquele primeiro momento, dizer ao povo brasileiro que aquela declaração poderia viabilizar-se.

Toniquinho, portanto, ligado por esses laços afetivos ao Senador Maguito Vilela, foi um personagem que passou para a História.

O Senador Hugo Napoleão também vive este momento histórico do Brasil em função da amizade e das relações político-institucionais que seu pai, diplomata de carreira, tinha com o Presidente Juscelino, as quais, inclusive, mais tarde se consolidaram no próprio Governo Juscelino Kubitschek.

Saudando, portanto, S. Ex^{as}, agradeço a todos os Senadores aqui presentes, particularmente ao Senador Arlindo Porto, que representa o Estado natal do Presidente Juscelino Kubitschek. Cumprimento todos os outros que depois vieram para Brasília.

O Sr. Hugo Napoleão (PFL – PI) – Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PDSB – DF) – Ouço V. Ex^a com muito prazer.

O Sr. Hugo Napoleão (PFL – PI) – Eminentíssimo Senador José Roberto Arruda, lídimo representante do Distrito Federal nesta Casa, V. Ex^a praticamente me chama à colação ao citar o nome do seu admirador e colega e do meu querido pai. Teria a esclarecer algumas situações interessantes. Em primeiro lugar, realmente o meu avô, Deputado Hugo Napoleão, pelo Estado do Piauí, do antigo PSD, foi líder da maioria e do Governo do Presidente Juscelino Kubitschek na Câmara dos Deputados, no Palácio Tiradentes, ainda no Rio de Janeiro. Assumiu essas funções com a saída do Deputado e Ministro da Justiça Armando Falcão para o Governo. Assumiu, portanto, toda uma situação em que eram votadas as leis que exigiam a transferência da Capital, determinada pela Constituição. Jataí foi realmente um marco. Todas as Constituições Brasileiras da República citavam que no Planalto Central situar-se-ia a capital. Mas seria difícil para um presidente, como o foi para o Presidente Juscelino, tomar essa decisão, sobretudo porque o Rio de Janeiro, como dizia Getúlio Vargas, era o tambor do

Brasil. Depois, meu pai, como diplomata, colega de concurso do ex-Deputado, ex-Senador, Embaixador Roberto Campos, foi convocado para ser Chefe do Cerimonial da Presidência da República do Presidente Juscelino. Vimos Brasília nascer. E com todo o fervor, todo amor à Pátria, vimos essa centralização, essa interiorização, essa convergência do Brasil para consigo mesmo com a Nação brasileira. Mais tarde vim a ser advogado do Presidente Juscelino, já não mais no seu apogeu, mas em momentos extremamente difíceis da sua vida, no período de exceção. Foram, portanto, três gerações extremamente vinculadas ao Presidente e à vida de Brasília. Quero transmitir a V. Ex^a meus cumprimentos pela espontaneidade e pela naturalidade do discurso que faz neste dia, que é tão nosso, tão brasileiro, tão brasiliense. O tambor a que se referia Getúlio Vargas passa a ser Brasília. Encerro mencionando o título de um livro de meu pai a respeito de Juscelino Kubitschek: que Brasília é um ato, como afirmou André Malraux, de audácia, energia e confiança.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB – DF) – Muito obrigado, Senador Hugo Napoleão. Agradeço e acolho o aparte de V. Ex^a como uma homenagem à Brasília, que nos remete àquele momento que vivia o Brasil.

O Brasil, que não tinha 500 anos – tinha 450, dos quais 400 como colônia de Portugal – que já havia sofrido todos os percalços da Primeira República, já tinha vivido a esperança da Revolução de 30, a frustração da Constituição autoritária de 1937, todos os episódios do último Governo de Getúlio Vargas, via nascer em Juscelino um momento de grande esperança.

Aí V. Ex^{as} vão me permitir fazer uma segunda citação neste dia. Qual a cidade do mundo que pode comemorar o seu aniversário tendo a presença física e histórica da testemunha da construção desses episódios? Está aqui entre nós o homem que todos os dias pela manhã acordava o Presidente Juscelino Kubitschek e só voltava para sua casa depois que o Presidente se recolhia aos seus aposentos para o descanso, que era pequeno, e que viveu praticamente quarenta anos o dia-a-dia, como seu auxiliar mais próximo, testemunha de todos os seus episódios pessoais e públicos, nos momentos de glória e nos momentos de exílio. Está aqui entre nós o Coronel Afonso Heliodoro, construtor desta história que hoje celebramos.

E ao citar o Coronel Afonso Heliodoro e ao me contagiar com a sua emoção, cito todos os pioneiros,

os que estão aqui neste Plenário, os que estão representados por seus filhos, e também, nobre Presidente Geraldo Melo, os que estão na Brasília de hoje com a mesma simplicidade com que vieram para cá, de botinas, mãos calejadas, camisas simples; os que, acreditando no sonho de Juscelino, deixaram as suas regiões de origem e vieram em lombo de burro, na carrocera de caminhões e até em romarias, pelas estradas esburacadas do Brasil da época, que nem asfalto tinha, em carro de boi, para construir Brasília. E, aí, Sr. Presidente, o que me emociona é a capacidade que tem um sonho de contagiar pessoas, de unir multidões e construir convergências.

Juscelino Kubitschek era isto: com aquele sorriso largo, a sua imensa capacidade de trabalho, a sua capacidade de perdoar, de convergir e de costurar politicamente convergências. S. Ex^a, primeiro, convenceu o Brasil de que era possível construir Brasília; e o Brasil, convencido, convenceu ele próprio. Antes, S. Ex^a fez discurso de campanha. Era muito difícil para um homem, sozinho, acreditar naquela utopia. E o seu processo de acreditar e de transformá-la em realidade foi pelo convencimento, com a sua energia, da sociedade brasileira e ser reabastecido por essa crença coletiva de que o sonho era possível.

Mas havia um problema. Para que esse sonho fosse possível, era preciso aprovar, no Congresso Nacional, a criação de Brasília. "Vamos contar os votos." Não tinha. E a UDN, oposição a Juscelino, era implacável. Eis que aí surge um jovem Deputado, da UDN do Estado de Goiás, que teve a antevisão de perceber que, se apoiasse Juscelino ou, mais do isso, se tomasse a iniciativa de construir o arcabouço legal para formação da comissão da mudança de capital, para criação da Novacap, aí o Presidente Juscelino ou cumpriria o seu compromisso, ou, obviamente, não poderia mais a oposição ser culpada por isso.

Acreditando nesse sonho, acreditando em Juscelino, surge o Deputado Emival Caiado e constrói uma página belíssima da história política brasileira, porque, embora em campos políticos opostos, unem-se pela força de um ideal, que não era de Juscelino, que não era de Emival Caiado, era de toda uma geração de brasileiros, que desejava interiorizar o desenvolvimento nacional. Eis que Emival Caiado constrói politicamente as condições necessárias para a formação da comissão da mudança de capital e transforma-se no seu relator e, portanto, no personagem que politicamente criou condições institucionais para que Brasília fosse construída e para que a capital fosse transferida.

Senhoras e senhores, qual é a cidade do mundo que pode celebrar o seu aniversário de quarenta anos podendo homenagear tão de perto os atores da história? O Deputado Emival Caiado está aqui entre nós, sentado à mesa do Senado, ele que é a história, o ator dessa epopéia e está lançando o livro *O Legislador da Construção de Brasília*, contando, com seu jeito de contador de "causos", seu jeito simples de homem do interior, essa página tão bonita da História do Brasil.

O Sr. Leomar Quintanilha (PPB – TO) – Permite-me V. Ex^a um aparte?

O Sr. Arlindo Porto (PTB – MG) – Permite-me V. Ex^a um aparte?

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB – DF) – Para me refazer da emoção que recebo das pessoas presentes, concedo o aparte ao Senador Leomar Quintanilha e, posteriormente, ao Senador Arlindo Porto.

O Sr. Leomar Quintanilha (PPB – TO) – Nobre Senador José Roberto Arruda, ia inicialmente apresentar minhas escusas por interromper tão eloquente e brilhante pronunciamento que faz nesta Casa, mas, como V. Ex^a se diz necessitado de um minuto para restabelecer o fôlego, aproveito esses instantes para compartilhar com os brasilienses e os brasileiros da grande emoção nesta comemoração dos quarenta vitoriosos anos de Brasília. E o faço como participe desta história, não nos níveis e no desempenho do eminente Deputado Emival Caiado; eu era menino, garoto ainda, e conhecia a história e a força do seu trabalho. Goiano, goianiense que sou, vi todo esse episódio acontecer, essa transformação fantástica que aconteceu no interior do Brasil. V. Ex^a lembrou agora, rapidamente, uma assertiva que fez quando visitou comigo e com outros Pares o meu Estado do Tocantins, numa solenidade importante para o nosso Estado. Ao rememorar os 500 anos do Brasil, V. Ex^a disse que o País experimentou, nos 400 anos, um período muito sem graça da sua história, porque restrito ao litoral. Que o Brasil do interior, esse Brasil rico, esse Brasil pujante, que ainda está sendo descoberto, realmente só começou a ser descoberto nesse último século, e de forma mais marcante com Juscelino Kubitschek de Oliveira. Goianiense, de uma cidade que está completando 63 anos de lançamento da sua pedra fundamental; cidade provinciana, cidade pequeninha, cidade que não representava convergência de todo o Estado em razão de ser desprovida de infra-estrutura mínima que permitisse uma interligação entre os seus habitantes. O norte de Goiás era totalmente isolado. A região que hoje represento, o

Estado do Tocantins, ficava a mais de 1.000 quilômetros de Goiânia, uma distância imensa, sem comunicação. Nessa época, não existiam as facilidades que a ciência e tecnologia colocaram à disposição do homem: a comunicação, o telefone, a televisão, o rádio, o jornal. Não havia estrada, Senador. Se alguém quisesse se comunicar deveria vir a cavalo. Acredito até que tenha sido possível, para representar o Estado de Goiás no Rio de Janeiro, que o Deputado tenha feito esse percurso – não sei se à sua época o transporte ainda era o cavalo, mas as condições ainda eram extremamente precárias. Essa transformação fez com que o Brasil todo vibrasse, fez com que o Brasil acordasse, fosse sacudido por essa integração nacional que Brasília provocou. Sinto uma alegria muito grande por ter participado, ainda molecote, ainda sem entender muito bem o que estava acontecendo, de todo esse processo. Estamos repetindo esse feito agora no Estado do Tocantins. Goiás foi generoso demais, cedeu uma parte do seu território para o Distrito Federal. Depois, por insistência, por determinação da brava gente tocaninense, capitaneada pelo nosso baluarte, pelo grande Governador Siqueira Campos, estamos repetindo ali – claro que guardadas as proporções – o fenômeno que Brasília provocou nessa região, ou seja, de integração de uma região importante. Tanto Goiânia, pequeninha, como Goiás, pequeno, explodiram em crescimento e desenvolvimento graças a Brasília. E, graças ao crescimento de Goiás, o Tocantins nasceu e cresceu. Seguramente, nobre Senador, pelos seus anos subseqüentes, com essa valorosa gente que aqui está, miscigenada, gente originária de todos os quadrantes do Brasil, que constrói, a muitas mãos, essa realidade do interior do Brasil, Brasília haverá de dar uma contribuição muito grande para que ocupemos agora, de forma harmônica, este tesouro que hoje desperta o interesse do mundo inteiro, que é a Amazônia, um vazio demográfico de riquezas imensuráveis. Brasília e Tocantins, certamente, darão uma contribuição inestimável para a sua ocupação, por brasileiros, de forma harmônica e sustentável. Cumprimento-o por esse brilhante pronunciamento e quero compartilhar com V. Exª as alegrias que os brasileiros hoje estão sentido ao comemorar os 40 anos de Brasília. Muito obrigado.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB – DF)

– Muito obrigado, Senador Leomar Quintanilha.

V. Exª fala da consequência mais importante da construção de Brasília. A cidade não nasceu apenas para ser bonitinha, com cara de capital. Sua vocação é muito maior do que isso. Brasília foi, a um tempo,

tradução e símbolo da força, do desejo, da interiorização do desenvolvimento nacional. Antes de Brasília, éramos de fato um País litorâneo; e, a partir dela, interiorizamos o nosso desenvolvimento e construímos as condições necessárias para que pudéssemos dominar a tecnologia de produção do cerrado, para que conhecêssemos e admirássemos o Pantanal, para que chegássemos à Amazônia, para que conquistássemos o nosso território. V. Exª é, portanto, um legítimo representante da consequência de Brasília, que é a interiorização do desenvolvimento.

Digo sempre aos meus filhos: não vimos a construção de Brasília? Vamos a Palmas, porque lá tudo se repete. E se repete numa escala até ampliada, porque aumenta a indução do desejado desenvolvimento da região Centro-Oeste.

V. Exª também falou em contágio. É verdade, otimismo pega, contágio. O otimismo de Juscelino e a força que tinha nos seus ideais contagiaram tanto o Brasil que, até os anos 50, éramos um País com vergonha. Íamos ganhar a Copa de 50, mas achamos que não deveríamos, não tínhamos a marca da vitória. Porém, ganhamos o campeonato de 58, ganhamos até concurso de Miss Universo! A Música Popular Brasileira estourou no mundo inteiro. Nasceu o Cinema Novo, e o mundo todo descobriu que a Capital do Brasil não era Buenos Aires, que havia aqui, na América do Sul, uma Nação que se consolidava, que se constituía numa sociedade viva, cheia de esperança, potencialmente rica, querendo construir efetivamente o arcabouço de uma Nação nova.

Ouvimos V. Exª, que representa, portanto, a consequência mais objetiva da construção de Brasília. Vamos ouvir a causa, com o Senador Arlindo Porto, de Minas Gerais, que solicitou a palavra.

O Sr. Arlindo Porto (PTB – MG) – Senador Arruda, queremos neste momento registrar o emocionante e brilhante pronunciamento de V. Exª. Todos que aqui estamos ficamos emocionados. Quero fazer um breve aparte, registrando alguns momentos dessa história, que, de maneira tão clara, V. Exª rememorou. Brasília, sem dúvida, é dos brasileiros; mas os goianos e nós, mineiros, sentimos-nos mais sentimentalmente ligados à cidade. Por isso, falamos que Brasília é mais nossa. Goiás, pela questão geográfica, cedeu parte do seu território; e nós, mineiros, orgulhamo-nos de termos sido os primeiros que aqui aportaram, que chegaram em maior quantidade, buscado a integração já goiana e mineira, mas, principalmente, o sentimento de conquista que nós, mineiros, temos até hoje em relação a Brasília. Sentimento porque foi de

Juscelino a história narrada de maneira brilhante -- tenho o prazer de ser amigo do nosso Toniquinho JK --, a coragem de, naquele momento importante, histórico, demonstrar à Nação que queria não apenas, como um político qualquer, fazer uma promessa, mas fazer a promessa e, depois, cumpri-la. É muito comum, às vezes, as pessoas considerarem passageira a promessa ou o compromisso de um político, mas Juscelino soube, naquele momento, ser mais do que um político. Era um homem que tinha consciência da responsabilidade que assumia no momento do seu pronunciamento. A sua responsabilidade e coragem foram demonstradas em Belo Horizonte, como Prefeito da Capital, e em Minas Gerais, como seu Governador. Ele tinha essa visão desenvolvimentista, tinha a coragem de fazer e tinha a confiança de realizar. Recordo-me, lendo livros e passagens de Juscelino, que havia uma grande placa na entrada de Brasília que registrava mais ou menos isto: "Poucos contra, muitos a favor, todos beneficiados". É uma prova clara de que aquele momento era o de transmitir para a sociedade a coragem e o otimismo; e ele era um otimista. É dele também o conceito de que "o otimista pode errar, mas o pessimista começa errando". É dentro dessa visão de otimismo, de coragem e de grandeza que assistimos a Brasília de hoje. Não tive o privilégio de aqui viver muito tempo. Mas, em 1962, naquele momento de grande euforia, eu aqui morei durante seis meses. Voltei a minha Minas Gerais. Em 1965, eu aqui estava de novo e fiquei mais um ano, buscando oportunidades de trabalho e de educação. Volto agora na condição de representante do Estado de Minas Gerais. Quero trazer à Casa a mensagem de gratidão dos mineiros, de gratidão por ter dado oportunidade ao nosso Juscelino de transformar o Brasil a partir de Brasília; a gratidão dos mineiros pela acolhida que aqui tivemos e que continuamos a ter. Sem dúvida, nós, mineiros, nos orgulhamos desta cidade. Brasília faz parte de nós, e essa integração entre os brasilienses de nascimento e os de coração sem dúvida se materializa a cada dia. A presença dos mineiros, para nós, é um sentimento de amizade, de fraternidade e de gratidão. Brasília, sem dúvida, é um momento novo da História do Brasil, e o Brasil é diferente porque tem Brasília. A interiorização narrada pelo Senador Quintanilha e brilhantemente comentada por V. Exª marca isso. O Brasil não seria o mesmo se não tivesse Brasília; o Brasil não seria o mesmo se não tivesse sido interiorizado. Juscelino e tantos brasileiros, de todos os pontos do Brasil -- não apenas mineiros --, para cá convergiram, para participar, atuar; brasileiros para cá vieram para ajudar o então Presiden-

te, na condição de candangos da construção daquele momento tão glorioso e do qual todos nos orgulhamos. Parabéns a V. Exª pelo seu pronunciamento. Parabéns aos brasilienses de coração e de nascimento. Parabéns, Brasília, e parabéns, Brasil, porque está aqui a nossa Capital, sedimentada, consolidada, orgulhosa, mas, principalmente, motivo de transformação de uma sociedade, de uma cultura e de um povo. V. Exª registra um momento da História. A História se escreve a cada momento, mas é importante que ela seja lembrada pelo seu passado, para que se possa valorizar o presente e perpetuar o seu futuro. Parabéns pelo pronunciamento de V. Exª.

O SR. JOSÉ ROBERTO ARRUDA (PSDB - DF)

-- Muito obrigado, Senador Arlindo Porto. V. Exª pode ficar tranquilo, porque, mesmo sem ter tido oportunidade de viver aqui muito tempo, seus conterrâneos de Patos de Minas, e de toda Minas Gerais, o fizeram. E não só de Minas Gerais -- e este é o lado bonito de Brasília. De todos os Estados brasileiros, de todas as regiões do País vieram para cá pessoas que acreditaram no sonho de Juscelino e ajudaram-no a construir a nova Capital.

Vou pedir licença a V. Exªs e a todos os nossos convidados para, neste aniversário de quarenta anos, não cair na tentação de falar da cidade, de falar do seu lado mágico, da sua arquitetura que encanta o mundo, do seu projeto urbanístico arrojado; de falar até dos seus problemas, principalmente com as cidades do Entorno. Brasília os tem, mas vai saber resolvê-los. Brasília, obviamente, já tem, nos seus quarenta anos, problemas muito parecidos com os de todas as grandes cidades brasileiras, com uma diferença: aqui é possível, ainda, equacioná-los para não repetir os mesmos erros que outras grandes cidades brasileiras cometeram. Afinal de contas, para que cometer os mesmos erros se há tantos erros novos a serem cometidos? Brasília tem essa ousadia, tem essa missão de ser vanguarda e de ser mudança.

Não vou falar mais de Brasília como cidade, ela fala por si própria. Não vou falar mais de Brasília como Capital do País, porque essa sua missão também se consolidou e fala da sua História. Pretendo encerrar este meu pronunciamento, Sr. Presidente, falando das pessoas de Brasília, porque é um privilégio muito grande ver, neste auditório, por exemplo, um dos primeiros médicos que aqui trabalharam, Dr. Gustavo Ribeiro, que hoje preside o PSDB e continua ajudando a construir a cidade; está aqui o Deputado Federal Constituinte Geraldo Campos, um dos primeiros e, seguramente, a maior liderança sindical dos trabalha-

dores na época difícil do início de Brasília e na fase mais dura do regime autoritário. Estão aqui, entre nós, pessoas que, cada uma a seu modo, vieram para cá – algumas até já nasceram aqui – e dedicaram as suas vidas à construção não de uma cidade, mas à construção, a partir de uma cidade, de uma nova civilização.

É dessa nova civilização, Deputado Geraldo Campos, que quero falar, porque quando o mundo todo teve que enxergar que o Brasil existia, os sociólogos, os estudiosos, os antropólogos ficaram perplexos. Como o Brasil se construiu de maneira tão diversa, no encontro do europeu com o índio, com a escravidão, que durou até o final do século passado, e, depois, com a imigração japonesa e italiana? Como conseguiu um País tão diferente, tão dispar, miscigenar tantas raças e construir uma só sociedade, um só idioma, sem diferença importante a nos dividir?

O Brasil tem aparecido para o mundo, do século XVI para cá, como o exemplo do nascimento de uma nova civilização, porque misturou todas essas raças, culturas e credos, e construiu um povo bonito, inteligente, criativo, forte, bem-humorado: é esse o retrato do brasileiro. Passamos a ser um povo diferente, exatamente pelo que representamos de miscigenação.

Muito bem, Sr. Presidente, exatamente o que aconteceu com a formação cultural brasileira, tão bem contada por Gilberto Freire, por Sérgio Buarque de Holanda, ou até mesmo por João Ubaldo, ainda que de forma mais romanceada, toda essa bonita história da formação cultural brasileira eis que se repete em Brasília. Em qual outra cidade brasileira somos convidados a ir a um casamento, no sábado à tarde, em que a noiva é filha de um paraibano e uma cearense, e o noivo, de um gaúcho e uma catarinense? Essa é a nova civilização que nasce, que se torna possível a partir de Brasília, porque os brasileiros de todas as regiões, de culturas diferentes, se encontram em Brasília e se irmanam como pioneiros, primeiro, e como brasilienses, depois, repetindo-se, sob a ótica do Brasil, o fenômeno que o País representou para a civilização contemporânea mundial.

Nasce, portanto, a partir de Brasília, uma nova civilização e só essa grande mistura – essa mistura fantástica de culturas de povos diferentes – pode explicar a beleza do brasiliense, a sua criatividade. Não é à toa que uma cidade de apenas quarenta anos já deu ao Brasil e ao mundo figuras como Nelson Piquet, Cássia Eller, Zélia Duncan, Célia Porto, Oscar, do basquete, Leila, do vôlei, Oswaldo Montenegro e outras mais. E cometo injustiças incriveis, porque Brasília,

apesar de nova, é uma cidade com potencial criativo fantástico, e é assim que ela se apresenta ao Brasil.

Juscelino anteviu que Brasília seria o palco das mais altas decisões nacionais; Juscelino queria que Brasília fosse o pólo da interiorização do desenvolvimento brasileiro. É preciso dizer ao Presidente Juscelino, que está aqui agora – porque ele se faz presente todas as vezes que reverenciamos a História do Brasil; porque ele se fará presente, como todos os pioneiros, toda vez que formos contar a História de Brasília –, bem como a Israel Pinheiro, que aqui, hoje, estamos todos irmanados: alunos da Ceilândia, do Gama, de Taguatinga, mas também Mário Garófalo, aquele que foi o primeiro a transmitir de Brasília, com sua voz, a inauguração. S. S^a está aqui, no plenário, não apenas recebendo, mas fazendo esta homenagem à cidade. Estão aqui pioneiros, estão aqui brasilienses que se irmanam no amor a Brasília.

Nós todos que estamos ou que nos fazemos representar neste plenário, todos os que ajudaram e ainda ajudam a construir Brasília, unimo-nos por uma característica comum: temos um amor muito grande por esta cidade. E o nosso amor por Brasília, Sr. Presidente, é o nosso amor pelo Brasil, porque estamos absolutamente convencidos de que o Brasil pós-Brasília, que conquistou seu próprio território, e a civilização que nasce a partir da epopéia da construção da nova Capital, é a Nação que vamos legar aos nossos filhos, é a Nação que estamos construindo para o próximo milênio.

Não tenho dúvida, Sr. Presidente, de que se tínhamos, antes de Brasília, um País com gente morando em cima de uma terra, temos, a partir daí, a construção de uma Nação que, além de gente e terra, tem sentimento; que, além de gente e terra, tem miscigenação de culturas, de raças, tem História, tem orgulho dela e procura conhecê-la, exatamente para aprimorar seu futuro.

Brasília é, portanto, um marco, não apenas como cidade, mas marco histórico da evolução da Nação brasileira.

Saúdo a todos os que construíram esta cidade. Aquele pedreiro que construiu a Catedral e que, num dia de chuva, a altas horas da noite, foi questionado pelo Presidente Juscelino sobre o que estava construindo, enquanto outros trabalhadores diziam estar fazendo um andaime ou uma parede, ele dizia estar fazendo uma catedral. Ele tinha a noção do todo.

A todos os pioneiros, que hoje vivem na periferia da cidade, mas que ajudaram, com suas mãos caleja-

das e com o suor do seu rosto, a construir os palácios símbolos da República; a todos os que amam Brasília; a todos os que escolheram esta cidade para viver; a todos os que escolheram Brasília como berço para os seus filhos; a todos os brasilienses, a nossa mais sincera homenagem.

Temos a certeza de que Brasília, como queria Juscelino Kubitschek, continuará representando, cada vez com mais força e mais energia, a esperança do povo brasileiro numa sociedade mais justa e menos desigual.

Sr. Presidente, trago um abraço fraternal do Presidente Fernando Henrique Cardoso a Brasília e aos seus moradores. Sua Excelência fez questão que eu o traduzisse neste instante, demonstrando o apreço que tem pela Capital Federal. O Presidente Fernando Henrique, que já vive aqui há quase 20 anos e tem um enorme carinho pela cidade, repetidas vezes tem demonstrado isso.

Sr. Presidente, é sempre difícil terminar um discurso como este, que é mais emoção do que razão, principalmente quando contamos com as presenças de figuras como a de Emival Caiado, a do Coronel Afonso, a de Geraldo Campos, a de Mário Garófalo e a de tantos outros presentes neste Plenário.

Encerro este pronunciamento, com o pensamento imortal de Juscelino Kubitschek sobre Brasília:

Deste Planalto Central, desta solidão que se tornará, em breve, o cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço o olhar, mais uma vez, sobre o amanhã do meu País e antevejo, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites, o seu grande destino!

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas!)

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Melo) – Antes de conceder a palavra ao próximo orador, lamentando não ter feito esse lembrete antes do pronunciamento do nobre Senador José Roberto Arruda, a Mesa solicita aos Srs. Senadores que ocuparem a tribuna que não concedam apartes, em obediência à disposição regimental, no que se relaciona às sessões especiais.

Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Estevão.

O SR. LUIZ ESTEVÃO (PMDB – DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, nobre Senador Geraldo Melo; nobre Senador Maguito Vilela; meu caro Deputado Emival Caiado; Sr^{as} e Srs. Senadores aqui presentes; amigas e amigos brasilienses de nascimento e de adoção, falar

de Brasília é sempre uma emoção muito grande, principalmente para alguém que, como eu, deve, ao fascínio e à oportunidade de ser participante da construção de uma cidade, tudo o que conquistou em sua vida no âmbito profissional, familiar, político, pessoal.

No ano passado, o Brasil perdeu um dos seus grandes poetas, João Cabral de Melo Neto, autor de uma das mais bonitas páginas sobre a essência do homem e da mulher brasileiros: *Morte e Vida Severina*.

O que mais impressiona na vida do poeta João Cabral de Melo Neto não é a sua poesia, talvez uma das maiores destes nossos 500 anos de História. O que mais impressiona – repito – e o que há de mais poético na sua vida é justamente o momento de sua morte, quando ele, após passar toda a sua vida renegando a existência de Deus, dizendo-se ateu convicto, morreu, de mãos dadas com sua mulher, rezando. Talvez esse momento de poesia tenha passado despercebido diante da obra impressa que ele deixou ao longo da sua vida. Mas não fica despercebido a todos aqueles que sabem que nunca é tarde para se fazer a grande descoberta.

E é fazendo uma analogia entre esse momento da vida de João Cabral de Melo Neto e a sua obra, que retrata tão bem parte significativa do povo brasileiro, particularmente o povo nordestino, é que faço uma analogia com a História do Brasil e a História de Brasília.

Há quinhentos anos, num lance de ousadia, sempre para o oeste, sempre em direção ao desconhecido, era descoberto o Brasil. Algum tempo depois, os nossos colonizadores portugueses, num gesto de ousadia e bravura, rasgavam o Tratado de Tordesilhas e invadiam este Planalto Central com as suas Entradas e Bandeiras. Brasília é mais uma página dessa extraordinária marcha para o oeste, que descobriu o Brasil, que alargou as nossas fronteiras e que plantou essa nova civilização no Planalto Central.

Brasília não é um sonho da última geração; Brasília é um sonho de muitas gerações, das diversas missões que estiveram neste Planalto Central buscando um sítio para construir uma capital.

E, ainda hoje, é com pesar que vemos algumas pessoas, Deputado Emival Caiado, questionarem se valeu a pena fazer Brasília! E é tão fácil responder a essa questão, assim como teria sido fácil perguntar a João Cabral de Melo Neto, nos últimos momentos da sua vida, se valeu a pena viver tanto tempo duvidando da existência de Deus. E aqui fica uma pergunta: valeria a pena viver no Brasil de hoje sem a existência de

Brasília? Tenho a certeza de que a resposta de todos nós é uma só: é claro que não!

Brasília não é apenas a mudança política de uma Capital: do litoral de Salvador para o Rio e do Rio para o interior. Brasília não é apenas a cidade administrativa que veio racionalizar e disciplinar a eficiência da máquina pública brasileira. Brasília é muito mais do que isso. Brasília é um salto de desenvolvimento do nosso País no final do século passado. Brasília é a responsável pela incorporação da atividade produtiva da agricultura e da pecuária à maior fronteira agrícola do planeta, que são os cerrados brasileiros. Brasília é a esperança, é a razão de vida, é a luz que chamou milhões de brasileiros de todo o País para aqui buscarem uma vida melhor!

Vejo que aqui chegou o Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, nordestino, do Estado da Bahia, um dos Estados que, até o advento de Brasília, não conhecia o desenvolvimento da parte sudoeste e noroeste.

Todos nós sabemos o quanto Brasília foi importante para o advento da agricultura na Região Centro-Oeste, o quanto Brasília foi importante para o maior movimento migratório da História recente do planeta, provocado por razões econômicas, que foi a vinda de agricultores do Sul – do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná – para este Planalto Central, tornando produtivas estas terras. Já na década de 70, Juscelino Kubitschek teimava em mostrar que, deste Planalto, deste cerrado, aparentemente pobre, raquítico, de árvores retorcidas, poderia se construir e se desenvolver uma agricultura de qualidade. Não era sem razão que um dos temas do novo Governo que pretendia empreender à frente do nosso Brasil era justamente a agricultura.

Falar de Brasília é falar de Juscelino, é falar da incompreensão, da injustiça, do logro dos políticos que se deixam abater pelas críticas infundadas, pelas calúnias, ou que se deixam guiar pelos falsos reflexos da opinião pública fabricada.

Vejam o caso de Brasília, aquela frase de Juscelino, lembrada pelo Senador Arlindo Porto: "Muitos contra, poucos a favor, todos beneficiados". Essa era a verdade de Brasília naquele momento. Talvez uma pesquisa de opinião revelasse que o povo brasileiro, naquele momento, não desejava Brasília e não via pertinência na sua construção. Mais do que isso, por ter construído Brasília, Juscelino foi acusado de ser um dos políticos mais corruptos da História brasileira; era acusado, à época, de ser uma das sete maiores fortunas do mundo. Quanta calúnia, quanta mentira,

quanta injustiça em cima de um homem público para tentar destruir a sua biografia com essas inverdades. O tempo mostrou que Juscelino morreu humilde, um homem de posses modestas, como podem testemunhar seus familiares e todos aqueles que, como o Coronel Affonso Heliodoro e outros, honram-nos aqui com suas presenças.

O grande mérito dele não foi ter sido apenas um empreendedor – o homem que fez o Brasil de cinquenta anos em cinco e devolveu a confiança ao povo brasileiro –, mas, sim, o de ter sido o homem que tinha confiança em si próprio, que não se abatia com as críticas, com as campanhas, com as calúnias e com a sordidez daqueles que pretendem obstaculizar as grandes realizações com a mediocridade da sua inveja.

Temos que falar também de Israel Pinheiro. Tive a oportunidade de apresentar aqui no Senado da República um projeto de lei dando o nome de Israel Pinheiro à terceira ponte que será construída sobre o Lago Sul. E por quê? Porque se trata de um dos grandes personagens da construção de Brasília e, lamentavelmente, muito pouco lembrado. Não fosse Israel Pinheiro, também caluniado, também injuriado, também acusado inutilmente, não fosse a sua força, Juscelino não teria conseguido construir esta cidade em apenas três anos, dando conseqüências práticas à iniciativa parlamentar do Deputado Emival Caiado e à iniciativa política do querido Toniquinho – para que todos saibam, cunhado do nosso estimado Senador por Goiás, Maguito Vilela.

Mas, voltando a João Cabral de Melo Neto, quero falar não da arquitetura de Brasília, não dessa cidade administrativa que o Brasil inteiro conhece, quero falar das severinas e severinos que deixaram seus Estados de origem, notadamente o Nordeste brasileiro, e vieram para Brasília procurar uma vida melhor. Tantas vezes foram criticados e apontados como a causa do empobrecimento de Brasília. Meu Deus do Céu! Como é que pode alguém julgar uma cidade empobrecida pela chegada de mais irmãos brasileiros? Como é que pode alguém criticar o fato de uma família vir para cá em busca de uma vida melhor e receber um pedaço de chão para construir a sua casa de apenas 125 metros quadrados? Graças a Deus, por obra de Deus e dos desbravadores do nosso País, temos um patrimônio de 8 milhões e 500 mil metros quadrados de território?

O Senador Leomar Quintanilha ainda há pouco me perguntava qual a origem da palavra *candango*. Respondi a S. Ex^a que eu também não sabia. Não sei sequer se essa palavra existia antes que denominás-

semos os construtores de Brasília de candangos. Meu caro Senador, filho também deste Planalto Central, não sabemos de onde vem a palavra, mas sabemos de onde vêm os brasileiros que nos honraram, sendo chamados de candangos. Eles vêm de todos os quadrantes do País, humildes, modestos, para, com o suor de seu rosto e a força de seu trabalho, construírem como construíram esta cidade. E tinham, como todos, o direito de permanecerem aqui. E quem não se lembra da luta dos brasilienses, dos candangos para manter a então Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, que muitos queriam que fosse queimada para que ali não morasse ninguém. Quem não se lembra da luta dos candangos para a construção de Taguatinga e, depois disso, a decisão do Presidente Juscelino de construir o Gama, para que aqueles que trabalharam na construção de Brasília pudessem também desfrutar da oportunidade de viver na nossa Capital.

Essa é a história de Brasília. Um Plano Piloto concebido, é verdade, para ter 500 mil habitantes no ano 2000, e até hoje não tem. Mas um Distrito Federal que não poderia fechar as suas portas para os outros brasileiros que, como eu, como vocês e como todos, têm o direito de buscar uma nova oportunidade em suas vidas. E por que não buscá-la aqui?

Brasília construiu Ceilândia, fruto da campanha da erradicação das invasões; construiu o Paranoá, Samambaia, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Brazlândia, Planaltina, que já existia, Sobradinho, Santa Maria, e tantas outras cidades que servem hoje para abrigar esse segmento maravilhoso da população brasileira que, como todos nós, viu em Brasília a Capital da Esperança.

Comemoramos os 500 anos de descobrimento do nosso País e os 40 anos da construção de Brasília. E quero dizer que, se as celebrações dos 500 anos são homenagem ao passado do nosso País, os 40 anos de Brasília são homenagem ao amanhã do nosso Brasil, que, como Brasília, é um amanhã de fé, esperança, progresso e paz social.

Muito obrigado. (Palmas)

Durante o discurso do Sr. Luiz Estevão, o Sr. Geraldo Melo, 1º Vice-Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Antonio Carlos Magalhães, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o Senador Iris Rezende.

O SR. IRIS REZENDE (PMDB – GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Exmº Sr. ex-Deputado Emival Caiado, que honra esta sessão de homenagem com a sua presença, Srªs e Srs. Senadores, digníssimas autoridades aqui presentes, pessoas ilustres que dignificam este momento de homenagem, senhoras e senhores, ontem, esta Casa prestava suas homenagens póstumas a duas figuras ilustres da vida política nacional: Sérgio Motta e Luís Eduardo Magalhães, prematuramente levados para o reino de Deus.

Hoje, a Casa, por iniciativa do Senador José Roberto Arruda e outros Senadores da Bancada do Distrito Federal, presta sua homenagem à cidade que abriga esta instituição, que abriga o Governo Federal, que abriga todos os Poderes da República, e que vai, com o passar do tempo, se tornando num grande motivo de profundo orgulho nacional. É importante salientar que ao homem público cumpre também o dever de, colaborando com os historiadores, lembrar sempre a participação daqueles que tiveram um papel importante na construção do País, em todos os seus aspectos, em todas as suas áreas.

Quando se procura homenagear Brasília pelos seus 40 anos, este Senado, com o sentimento de cumprimento do dever, salienta a figura de todos aqueles que tiveram, direta ou indiretamente, a sua participação na realização deste grande sonho nacional que era a construção de Brasília.

Sr. Presidente, Srªs e Srs. Senadores, a idéia de transferência da Capital Federal para o Planalto Central remonta a tempos imemoriais.

Já em 1750, o cartógrafo Francisco Tossi Colombina, visitando o planalto goiano, previa a possibilidade de vir essa região onde se localiza hoje o Distrito Federal abrigar a Capital Federal do Brasil. Foi ele o primeiro medidor de terras do Brasil, abrindo caminhos oficiais das Minas Gerais, de São Paulo, dos currais baianos para as Minas dos Goias, que cravou no coração do mapa do Brasil o espaço onde deveria ser construída a futura Capital.

Cerca de 30 anos depois, mais precisamente em 1789, os Inconfidentes incluíram no seu programa político o projeto de mudança da Capital para o interior do Brasil. José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1821, Patriarca da Independência, dava instruções e orientação aos deputados paulistas para que comesçassem a difundir a idéia da necessidade de se construir uma cidade no interior do Brasil, para ali ser sediada a corte ou a regência deste País, de onde deveriam partir as estradas para as províncias então

existentes e para os portos e mares, para se facilitar a emissão de ordens do Governo. Isso facilitaria também o comércio externo dentro do vasto território nacional.

Em 1822, obedecendo orientação de José Bonifácio, um deputado, em um anteprojeto de Constituição para ser aplicável ao Reino do Brasil, estabelecia no seu primeiro artigo que: "no centro do Brasil, entre as nascentes dos rios Paraguai e Amazonas, fundar-se-á a Capital do Reino, com a denominação de Brasília ou qualquer outra".

Hipólito José da Costa, pela colunas do **Correio Braziliense**, em 1822, promove uma campanha pela mudança da Capital como fator indispensável ao desenvolvimento do País. Daí para cá, Sr. Presidente, os movimentos mudancistas foram crescendo de forma acentuada.

Em 1833, veio a profecia de Dom Bosco. Ele teve uma visão sobre a nova Capital do Brasil e descreveu-a como situada à altura dos paralelos 15E e 20E, que corresponde exatamente ao quadrilátero onde está cravado o Distrito Federal. Dizia ele que entre aqueles paralelos *"havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto, onde se formava um lago"*.

Finalmente, em 1891, figura na lei constitucional a mudança da Capital para o interior, em uma emenda apresentada por Lauro Müller*, assinada por 88 congressistas. Ficou, então, fixada, no art. 3º da Constituição de 1891, a seguinte determinação:

Fica pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.

Em 1892, o Governo de Floriano Peixoto nomeia uma comissão encarregada de estudar e demarcar a área do futuro Distrito Federal, cumprindo aquela determinação da Constituição de 1891.

Coube ao Ministro da Viação e Obras Públicas, Antônio Gonçalves de Faria, nomear aquela comissão, que foi constituída de 22 elementos, dentre os quais: um chefe, Luiz Cruls, dois astrônomos, um médico higienista, um médico, um secretário, quatro ajudantes, três auxiliares, um geólogo, um farmacêutico, um botânico, um mecânico, um ajudante de mecânico, um comandante do contingente e dois alferes do contingente.

Essa comissão veio do Rio de Janeiro e ficou em Pirenópolis durante 26 meses, quando terminou

os trabalhos de levantamento topográfico da área indicada na Constituição de 1891. O seu relatório foi divulgado em dezembro de 1894, assinado pelo Sr. Carlos Cruls, definindo com exatidão o retângulo de 90 km de largura por 160 km de comprimento.

Em 1934, a nova Constituição brasileira estabelecia que: "O retângulo Cruls" abrigaria a nova Capital e determinava a inclusão de 30.000 contos, anualmente, para as despesas necessárias ao custeio daquela mudança.

A Constituição de 1946 foi enfática, determinando no seu art. 4º das Disposições Transitórias: "A Capital da União será transferida para o Planalto Central do País".

Eurico Gaspar Dutra, quando tomou posse como Presidente da República, nomeou uma comissão de estudos, sob a presidência do General Djalma Polli Coelho, para localizar o sítio onde seria construída a nova Capital.

Em 1948, aquela comissão, com pequenas variantes, escolhia o Triângulo Cruls e entregava o seu relatório ao Presidente Eurico Dutra.

Em agosto de 1948, o Presidente Dutra assinava, em Corumbá de Goiás, a Mensagem nº 393, encaminhando ao Congresso Nacional as conclusões daquela comissão sobre a mudança da Capital.

Em 1953, foi expedido o decreto presidencial criando a comissão de localização da nova Capital, presidida pelo General Aginaldo Caiado de Castro.

Em 1955, foi finalmente escolhida a área onde se localizaria o Distrito Federal. Em abril de 1955, o então Governador de Goiás, José Ludovico de Almeida, baixava decreto declarando "de necessidade e utilidade pública e de conveniência ao interesse social a área destinada à localização da nova Capital Federal".

Ainda em 1955, a Assembléia Legislativa de Goiás, por votação unânime dos seus deputados, autorizava o Poder Executivo a efetivar a desapropriação da área escolhida.

Em 1955, Juscelino Kubitschek, em campanha para a Presidência da República – fato relatado minuciosamente aqui pelo Senador José Roberto Arruda – declara enfaticamente, em seu comício, quando questionado por Toniquinho, que se eleito Presidente cumpriria **ipsis litteris** a Constituição do Brasil. E a indagação daquele jovem, que deveria estar aqui presente recebendo esta homenagem, foi a seguinte: se V. Exª assume o compromisso de cumprir a Constituição, vai construir, mudar a Capital para o Planalto Central, conforme determina o Texto Constitucional

de 1946? Foi quando Juscelino, publicamente, assumiu seu primeiro compromisso.

No entanto, Sr. Presidente, o caminho a percorrer foi longo. Muitos obstáculos surgiram, mas foram sendo aos poucos removidos, principalmente pela coragem, determinação, patriotismo e elevado espírito público do imortal estadista Juscelino Kubitschek.

Em 21 de abril de 1960, finalmente, ocorre a inauguração solene da nova Capital.

Mas a presença dos goianos nesta tribuna, Sr. Presidente, autoridades, Sr^{as} e Srs. Senadores, também é um imperativo, já que o Estado de Goiás e o seu povo tiveram uma participação decisiva na construção de Brasília. Em todos aqueles movimentos, em todas as manifestações se fazia presente um goiano ou uma goiana. Ainda nos idos das décadas de 30 e 40, era Americano do Brasil que defendia, no Parlamento a transferência da Capital.

Deve-se salientar que, talvez no cumprimento da profecia de Dom Bosco, talvez pela força superior do Criador, entendendo que o Brasil merecia uma capital no centro do seu território, se sagrava Presidente Juscelino Kubitschek*, enfrentando muitas e muitas dificuldades, sem medo de errar. Era preciso que surgisse neste País um JK para que o sonho de séculos se consumasse, e Brasília se tornasse uma realidade.

É a nossa homenagem primeira a Juscelino Kubitschek porque, como observamos, nas Constituições de 1891, 1934, 1946 já se impunha a construção da Capital, mas faltava alguém que tivesse ousadia, coragem, atrevimento cívico para que toda aquela luta se tornasse uma realidade.

Mas devo salientar, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, que não se pode falar sobre Brasília, principalmente à nova geração, sem reconhecer – repito – o mérito dos goianos. Todos juntos, independentemente de facção política, apoiavam o Governo para que a Capital pudesse ser sediada aqui. É claro que os goianos, levados pelo sentimento patriótico, entendiam que a construção da Capital no centro do Brasil era importante para o País inteiro, mas, sobretudo, para o Centro-Oeste, que vivia isolado e ilhado dos acontecimentos nacionais.

Todos sabemos que, devido às dificuldades de transporte, o desenvolvimento brasileiro se situou na costa brasileira, onde havia o transporte marítimo e, ao longo dos nossos rios, devido ao transporte fluvial. Fora dessas regiões, havia muitas dificuldades. A existência da antiga Capital, a cidade de Goiás, era o resultado de um esforço hercúleo, de uma ténpera histórica dos nossos antepassados goianos, que con-

cretizaram aquela Capital longe dos rios, quando o único meio de transporte era o lombo do cavalo e, quando muito, o carro-de-boi. Goiás lutava, então, pela centralização da Capital, porque as autoridades, os poderes constituídos da Nação, viviam de frente para os Estados Unidos e para a Europa e de costas para o interior brasileiro.

Temos de reconhecer a visão do grande estadista Getúlio Vargas, primeiro Presidente a conclamar a Nação a voltar as suas atenções para o oeste brasileiro. Posteriormente, compreendendo a necessidade dessa mudança de comportamento da Nação, Juscelino Kubitschek construiu a Capital.

Sr. Presidente, devo fazer algumas indagações. Teria Juscelino Kubitschek construído Brasília não fosse aquela irreverência de Toniquinho, cunhado do nosso querido Senador Maguito Vilela? Teria Juscelino Kubitschek construído a Capital não fosse o atrevimento daquele jovem, exigindo do candidato o cumprimento da palavra, quando dizia que cumpriria a Constituição *in totum*? Teria sido consumado o sonho dos brasileiros com a construção de Brasília não tivesse o Governo de Goiás assumido a responsabilidade pela desapropriação dessa extensa área, inclusive assumindo o ônus com o pagamento dessas indenizações? Teria sido realizado o grande sonho nacional, se não se encontrassem no Congresso Nacional homens da ténpera de Pedro Ludovico, Coimbra Bueno, Emival Caiado e tantos outros Parlamentares, que, juntos, assumiram a responsabilidade de dar respaldo ao Presidente Juscelino Kubitschek? Teria a UDN apoiado a mudança não fosse a presença de Emival Caiado, à época um líder destacado daquele Partido? Teria o PSP apoiado a idéia, se não se encontrasse no Senado Alfredo Nasser, Hosanah de Campos Guimarães, que está aqui, o ex-Governador de Goiás, pai do nosso Deputado Distrital, que também atuava veementemente, e tantos outros?

Sr. Presidente, por isso é que se, por um lado, temos o dever de festejar a participação de todos aqueles que nos ajudaram a concretizar esse sonho, por outro lado, temos de registrar que a participação dos goianos foi extremamente importante para alcançarmos aquele objetivo. Nós, goianos, somos reconhecidos, tão reconhecidos que, após a inauguração da nova Capital, todos os partidos políticos de Goiás – UDN, PSD, PSB – se uniram para homenagear Juscelino Kubitschek, elegendo-o Senador da República.

E, hoje, temos o dever de prestar as nossas homenagens aos candangos, àqueles operários que anonimamente construíram a Capital. Foi o primeiro

grande mutirão nacional, quando autoridades, trabalhadores, empresários, professores, todos se uniram num só sentimento para construir Brasília em apenas quatro anos.

Sr. Presidente, temos que homenagear os pioneiros, os funcionários públicos. Não foi fácil para os funcionários públicos do Rio de Janeiro e de tantos outros Estados deslocarem-se para Brasília, elegendo esta cidade como a cidade de sua vida, do seu coração. Muitos deles vieram morar em casebres, em casas de tábuas, sem o mínimo conforto. Todos levados pelo espírito público.

Temos que prestar a nossa homenagem aos Governadores de Brasília que, tomados de grande espírito público, procuraram consolidar a cidade. Segundo o Senador Luiz Estevão, que me antecedeu nesta tribuna, Brasília foi planejada para ter 500 mil habitantes até o ano 2000; hoje, possui em torno de 2 milhões de habitantes. Tudo isso foi superado, e esses Governadores têm conseguido fazer com que o Governo distrital acompanhe esse surto de desenvolvimento extraordinário.

Presto aqui, em nome dos goianos, uma homenagem a esses Governadores, na pessoa do nosso Governador Joaquim Roriz. Governador pela terceira vez, tem demonstrado ser, na sua têmpera de homem arrojado, um tocadador de obras, sensível aos problemas desta cidade, pois tem dado condições para que ela se consolide também como a cidade da cultura, a cidade das universidades, a cidade da tecnologia de ponta, enfim, a cidade que empresta, realmente, boas condições de vida aos seus habitantes.

Sr. Presidente, quero aproveitar esta homenagem, este instante de reconhecimento para, mais uma vez, chamar a atenção dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário para um débito muito grande que esta Capital tem com uma vasta região de Goiás: o Entorno de Brasília. Não existe perfeição absoluta naquilo que é feito pela criatura humana, portanto, é claro que encontraríamos falhas em um projeto elaborado em poucos meses. E falharam os técnicos quando se esqueceram dos operários mais humildes, dos jardineiros, das empregadas domésticas, dos motoristas e cobradores de ônibus, dos varredores de ruas. Por isso, eles buscaram espaço no Entorno de Brasília. Assim, de uma década para outra, de um ano para outro, surgiram cidades com uma população extraordinária. Hoje, no Entorno de Brasília, nesse pequeno cinturão, há, aproximadamente, 700 mil pessoas que vivem em função de Brasília e moram

fora do Distrito Federal, porque não encontraram aqui um cantinho onde pudessem edificar as suas casas.

Faça-se justiça ao atual Governador Joaquim Roriz, porque S. Ex^a foi o primeiro Governador a se preocupar com o assentamento daqueles que já ocupavam as praças, as avenidas, os eixões norte e sul. S. Ex^a foi criticado, como se estivesse praticando um crime, por ter assentado 120 mil famílias que viviam nos fundos dos quintais, debaixo das pontes, formando favelas já enormes.

Voltando à questão do Entorno de Brasília, Sr. Presidente, hoje existe um contingente de 700 mil habitantes, cuja maioria não tem água tratada, esgoto sanitário, assistência médica e jurídica nem segurança pública, e todos vivendo em função de Brasília, trabalhando em Brasília. Goiás tem assumido esse ônus com muita resignação, tem procurado fazer o que pode, mas não é possível a um Estado da sua dimensão econômica resolver todos esses problemas. E por que trago essa queixa, esse desabafo em nome de Goiás neste dia de homenagens? Porque, com razão, merecidamente, e não podia ser de outra maneira, o Governo Federal acode o Governo do Distrito Federal na área da segurança pública, pagando os seus funcionários; na área da saúde, pagando os seus servidores; na área da educação; na área da justiça. E os funcionários de Goiás não recebem praticamente nada para acudir esses funcionários que estão no Entorno. O soldado da Polícia Militar do Distrito Federal recebe mais de mil reais por mês, enquanto o nosso recebe quatrocentos. Os nossos professores recebem quatrocentos, enquanto os do Distrito Federal recebem mais de mil reais. E por aí vai, Sr. Presidente.

Quando assumimos os nossos mandatos, eu e o Senador Arruda apresentamos um projeto de lei que criou a Região Integrada de Desenvolvimento do Entorno. O Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou, sem qualquer veto, aquele autógrafo de lei. A Ride hoje é uma realidade, mas precisamos alertar os Poderes Legislativo e Executivo sobre a necessidade de encararem com mais preocupação essa realidade cruel que vive a população do Entorno. E os efeitos dessa dificuldade já começam a impressionar as autoridades de Brasília.

Que a comemoração dos 40 anos seja um momento de reflexão, sobretudo para as autoridades. Que não deixemos essa questão sem solução, mas que criemos condições dignas de vida para a população do Entorno.

Na pessoa deste grande goiano, Emival Caiado, com quem, desde jovem, tive a oportunidade e o privi-

légio de me relacionar - ainda quando estudante de Direito a ele recorriamos para resolver questões no Ministério da Educação -, esse ilustre goiano que foi, na verdade, um dos esteios inabaláveis, ao lado de Coimbra Bueno e de tantos outros goianos - a citação de nomes leva sempre o orador a cometer as mais agressivas injustiças -, em seu nome e em nome do povo de Goiás, quero prestar as nossas mais profundas homenagens a todos aqueles que, direta ou indiretamente, incorporados ao ideal de Juscelino Kubitschek, conseguiram realizar o maior sonho do povo brasileiro, sobretudo do Centro-Oeste. Eles mostraram ao mundo que essa geração foi capaz de realizar o maior feito da História: construir, em quatro anos, uma cidade que hoje impressiona a todos aqueles que vêm ao Brasil e, conhecendo-a, levam aos seus países uma idéia diferente da realidade brasileira, concluindo que aqui vive um povo forte, corajoso, ouso, um povo, sobretudo, movido pelo ideal.

Muito obrigado, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores. (Palmas.)

Durante o discurso do Sr. Iris Rezende, o Sr. Antonio Carlos Magalhães, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Geraldo Melo, 1º Vice-Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Melo) – Como último orador inscrito, tem a palavra o Senador Maguito Vilela.

O SR. MAGUITO VILELA (PMDB – GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, Deputado eterno de Goiás, Emival Caiado, autoridades aqui presentes, meus senhores e minhas senhoras, muito me honra a oportunidade de fazer um pronunciamento nesta sessão especial em comemoração aos 40 anos vitoriosos de Brasília. Não poderia ser diferente. Brasília nasceu no coração de nosso querido Estado de Goiás. Cresceu e se desenvolveu com a participação ativa de centenas de goianos que para cá vieram e fizeram desta a sua terra. É uma Unidade da Federação irmã nossa, parceira de Goiás na busca de um Centro-Oeste cada vez mais forte e presente no processo de desenvolvimento econômico do Brasil.

Aqui vivi momentos importantes de minha vida. Primeiro, em 1970, como soldado do Exército Brasileiro, servindo no Batalhão da Guarda Presidencial. Como soldado, tirei guarda em toda esta Esplanada dos Ministérios, nos Palácios, na Granja do Torto. Inclusive, quando morreu o Presidente Costa e Silva, eu era um dos soldados que estava de prontidão em

frente ao Palácio. Aqui tive a primeira grande emoção da minha vida, quando fui considerado pelo Exército brasileiro, pelo Batalhão da Guarda Presidencial, o praça mais distinto. Carrego até hoje a barreta que me dá oportunidade de assistir a qualquer solenidade militar no Brasil.

Depois, retornando a Goiás, fui eleito Vereador, Deputado Estadual, quando fui colega do brilhante Deputado Sérgio Caiado, filho de Emival Caiado. Depois, fui Deputado Federal, Vice-Governador do grande administrador Iris Rezende e, depois, Governador de Goiás. Agora, estou cumprindo esta missão que o povo goiano me concedeu de representá-lo aqui, no Senado da República.

Um outro fato curioso, que gostaria de narrar, me liga ainda mais a esta Capital. Foi meu cunhado Toniquinho, muito bem representado aqui pelo Antonio Já-Já, que, na noite de 4 de abril de 1955, há 45 anos portanto, no primeiro comício do então candidato à Presidência Juscelino Kubitschek em Jataí, minha cidade natal, fez a histórica pergunta que gerou o compromisso da transferência da Capital para o Planalto Central.

É importante que todos os brasileiros conheçam realmente toda a história da mudança da Capital para Brasília. Por que Jataí foi escolhida por Juscelino Kubitschek para sediar o seu primeiro comício? Ninguém fala, ninguém sabe. Jataí era, na época, o maior reduto pessedista do Brasil. Por isso, foi a cidade escolhida. Juscelino era colega do Dr. Serafim de Carvalho, um médico de Jataí, que se formou com ele e contava-lhe os acontecimentos políticos da cidade. Foi ele que lhe disse que Jataí era o maior reduto proporcional do Brasil de pessedistas, e o convidou a iniciar sua campanha na cidade. Foi assim que, no dia 4 de abril de 1955, Juscelino lá chegou, desembarcando de um avião pequeno, num dia de tempo chuvoso, numa descida problemática. Marcaram então o grande comício para a praça Tenente Diomar Menezes. Como a chuva caía abundantemente, o comício foi transferido para uma oficina mecânica. E foi na carroceria de um caminhão Studebaker que Juscelino prometeu a mudança da Capital para o Planalto Central. Na ocasião, num lampejo de inteligência, Toniquinho levantou o braço, no meio da multidão, e perguntou ao Presidente se ele cumpriria o disposto nas Disposições Transitórias da Constituição de 1946. E Juscelino Kubitschek se comprometeu.

A idéia da transferência já existia há anos, tanto que já estava presente na Constituição Federal. Mas foi a partir desse fato que a construção da nova Capi-

tal começou a se materializar pelas mãos do maior estadista brasileiro de toda a nossa história, Juscelino Kubitschek de Oliveira, que, posteriormente, acabou elegendo-se Senador também pelo Estado de Goiás.

Juscelino, com sua incansável disposição e seu inigualável otimismo, conseguiu vencer as barreiras do pessimismo e do derrotismo que imperavam naquele momento no País. Ele não apenas transferiu a Capital para o interior do Brasil, como lançou também as sementes da industrialização, da modernidade, impulsionando o desenvolvimento nacional, tendo em vista um crescimento uniforme que pudesse acabar um pouco com as diferenças e as desigualdades regionais.

Nesse processo, Brasília cumpriu um papel fundamental. Após sua fundação, o Brasil começou a olhar para seu interior com olhos diferentes. O desenvolvimento começou, efetivamente, a marchar para o Centro-Oeste. Brasília foi um espelho, que refletiu para o mundo todo o potencial desta região rica, que hoje tem contribuído decisivamente para o progresso do nosso País.

Ao longo desses 40 anos, Brasília cresceu não apenas como a Capital administrativa do País; Brasília é, efetivamente, a Capital de todos nós. Aqui convivem brasileiros de todos os cantos, que souberam construir um modo de vida muito peculiar. Aqui cultivava-se talvez os maiores espaços de área verde numa cidade brasileira, o que realça o respeito ao meio ambiente e à ecologia. A arquitetura brasiliense é única e desperta a atenção de turistas de todas as partes do mundo. O povo é inteligente, preparado, crítico e, acima de tudo, de uma educação exemplar. Daqui emanam os maiores exemplos de educação no trânsito, de respeito às liberdades individuais, das boas regras da convivência democrática.

A capital carrega há 40 anos o modelo extraordinário, concebido por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Um modelo de cidade planejada que deu certo, apesar do grande fluxo de migrantes que acabou dando origem às cidades satélites e fazendo crescer as cidades do chamado Entorno da Capital.

Niemeyer dizia que Brasília foi criada para que aqui vivessem os homens mais próximos, mais amigos e, sobretudo, iguais. O modelo do Plano Piloto carrega isso. Prédios semelhantes, onde viveriam os políticos, os funcionários públicos, os funcionários da construção e os profissionais liberais. Se hoje muitos vivem fora do Plano, nas cidades satélites e no Entorno, é porque Brasília não poderia fechar as portas àqueles que acreditaram nesta região e para cá se

deslocaram para viver, numa proporção acima do que se esperava quando de sua concepção. Até nisso, Brasília foi democrática e tremendamente acolhedora.

Sim, porque Brasília não é apenas concreto, cimento e arquitetura. Brasília é vida. Vida cultura, vida artística, vida política, vida social, vida esportiva, vida inteligente. Brasília, em apenas 40 anos, já exportou nomes notáveis para o mundo, em todos os setores: Joaquim Cruz, Nelson Piquet, Oscar, Oswaldo Montenegro, Renato Russo e tantos outros.

Brasília é o retrato do Brasil lutador, do Brasil otimista, do Brasil que, se em 500 anos não tem muito o que comemorar, tem muito ainda que fazer, porque as oportunidades são monumentais e se colocam à nossa frente. É aqui em Brasília que devemos fomentar o debate da mudança de rumos para o País, da mudança de mentalidade, onde as prioridades acabam muitas vezes invertidas. É daqui de Brasília que teremos a obrigação, como homens públicos, de fazer as elites dominantes enxergarem que o Brasil é para todos, e não apenas para uma minoria privilegiada. Que o poder público deve voltar seus esforços e sua luta para os mais necessitados, para os que pouco ou nada têm, e não para uma casta privilegiada de nossa elite, que mantém dogmas e conceitos ultrapassados, a partir dos quais acreditam que podem viver eternamente neste cenário cruel de desigualdade e injustiças. Não. Isso não mais é possível! É inconcebível pensar que poderemos viver indefinidamente em paz, convivendo com o cenário horroroso da fome e da miséria, do descaso com as crianças e os jovens, com os idosos e deficientes.

De Brasília começou e deve nascer um novo Brasil: o Brasil do interior pujante, honesto e produtivo. E daqui também devem sair os novos conceitos para a construção de uma Nação mais justa, que olhe para os brasileiros de forma igual, que crie condições para a eliminação do quadro perverso das injustiças sociais.

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores e autoridades aqui presentes, encerro o meu pronunciamento reverenciando a figura de JK, de Niemeyer, de Lúcio Costa, de Coronel Eliodoro, de Toniquinho e de tantas outras figuras exponenciais desta Capital e deste País. Quero também reverenciar a figura, como já disse, do eterno Deputado Federal Emival Caiado.

É importante notarmos que o Executivo foi fundamental para a construção de Brasília, mas, se não fosse o Poder Legislativo a abrir os caminhos, a possibilitar politicamente essa mudança, talvez ela não tivesse acontecido.

É importante lembrar dos Deputados Federais e Senadores da época, capitaneados – repito – por

Emival Caiado, que foi o Presidente do bloco parlamentar mudancista, composto por centenas de Deputados Federais. Foi o autor do projeto de lei que fixou a data da mudança da Capital em 21 de abril de 1960. Ele criou, por intermédio de substitutivo, a Novacap, que viria a ser a empresa construtora desta Capital. Recriou a Comissão de Mudança da Capital. Por isso, Emival Caiado – que está aqui hoje –, ex-Deputado Federal, foi talvez o legislador mais importante da época, no sentido de abrir os caminhos políticos e viabilizar a construção da nossa Capital.

A Emival Caiado presto esta homenagem, a qual presto também a todos os goianos, indistintamente, que o ajudaram nessa missão tão importante.

Cumprimento os Senadores Luiz Estevão, José Roberto Arruda e outros, que foram autores da idéia que originou esta sessão especial.

Homenageio, por fim, o Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, goiano que para cá veio e se fixou. Em três mandatos como Governador, tem contribuído decisivamente para o progresso da nossa Capital. Nesse atual mandato, com arrojados programas sociais, dá um exemplo concreto e eficiente, que deveria servir de modelo para todo o País.

A todos aqueles que ajudaram e ajudam a construir esta grande cidade, os nossos mais sinceros e profundos cumprimentos, as nossas mais sinceras e profundas homenagens.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas!)

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Melo) – A Mesa Diretora do Senado Federal deseja associar-se, por meu intermédio, às alegrias, às emoções e às homenagens que se prestam na data de hoje a Brasília, aos que com ela sonharam e aos que a construíram.

Aqui estamos nós, acolhidos pelas sombras amigas que nos foram legadas pelo sonho e pela obra desses construtores, desde Juscelino Kubitschek ao mais humilde dos trabalhadores que tenha participado da edificação desta cidade.

Espero que a nossa geração, aqueles que hoje têm a responsabilidade de dirigir o País ou de participar das decisões que aqui se tomam, seja capaz de manter, como Juscelino, as nossas vistas sobre o amanhã do nosso País. Que sejamos capazes de identificar os desafios que o horizonte começa a nos revelar! Quem sabe possamos realizar, durante a nossa passagem pela História do Brasil, algo do qual as gerações futuras possam se orgulhar amanhã, algo que possa ser comemorado, como hoje comemoramos as obras de Juscelino Kubitschek e daque-

les que tiveram a capacidade de sonhar e de realizar esse sonho.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Melo) – O Sr. Senador Lúcio Alcântara enviou discurso à Mesa para ser publicado, na forma do art. 203 do Regimento Interno.

S. Excelência será atendido.

O SR. LÚCIO ALCÂNTARA (PSDB – CE) – Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Senadores, ao completar 40 anos, Brasília prepara-se para entrar no século XXI, abrindo uma tímida janela em direção ao Primeiro Mundo, e exibindo ao mesmo tempo vergonhosas contradições sociais que se aprofundam a cada dia.

A primeira e a mais grave dessas contradições é o tamanho de sua população que não pára de se multiplicar anualmente a taxas significativas, situadas entre as mais altas do Brasil, contrariando sempre todas as previsões, sufocando os serviços públicos e tornando o espaço urbano cada vez mais caótico, mais violento e mais miserável.

Em seu exíguo espaço geográfico em forma retangular, com 5.814 quilômetros quadrados encravados no Estado de Goiás, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer projetaram e coordenaram a construção da nova capital que deveria chegar ao ano 2000, com cerca de 600 mil habitantes, coroando um grande sonho de grandeza, de prosperidade e de solidariedade, que povoavam as cabeças dos pioneiros no final dos gloriosos anos 50.

No momento da inauguração, em 21 de abril de 1960, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Distrito Federal tinha cerca de 141.742 habitantes (dados referentes a 01/09/1960). Dez anos depois, já eram 546.015 habitantes, e no final da década de 1970, 1 milhão de pessoas. Nos últimos vinte anos esse número praticamente dobrou, e hoje, estima-se em quase 2 milhões os residentes no Distrito Federal.

No que se refere à taxa de crescimento da população, apesar de ter havido uma importante redução a partir dos anos 80, a taxa atual, como dissemos anteriormente, continua preocupante e apresenta-se, ainda, como uma das mais altas do Brasil.

Em relação a essa constatação, vale ressaltar que a preocupação continua existindo porque a consolidação de Brasília já aconteceu há já alguns anos. Por esse motivo, as taxas anuais de crescimento populacional deveriam estar melhor adaptadas ao estágio atual do seu desenvolvimento, qualificação e estrutura econômica.

Para ilustrar, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), durante as décadas de 1960 e 1970, que podemos definir como o período auge da expansão urbana e da construção do Distrito Federal, a taxa de variação da população foi bastante elevada. Por exemplo, entre 1970/1980, a variação média foi de 118,97%, inegavelmente, a maior entre quase todas as unidades da Federação brasileira, com exceção apenas de Rondônia, que apresentou um elevadíssimo percentual de 342,15%.

Dados mais recentes, observados na mesma fonte, referentes ao período 1991/1996, dentro de um contexto nacional por Grandes Regiões, atestam que a população do Distrito Federal continua a apresentar, mesmo em sua fase atual que não é mais de construção, acréscimos populacionais significativos, que já poderiam ser bem menores.

Dessa maneira, analisando o período acima citado, e comparando-se a taxa de crescimento populacional do Distrito Federal com as taxas registradas nas cinco grandes regiões brasileiras, incluindo também a taxa do Brasil, o Distrito Federal ocupava o segundo lugar, com 14,92%, perdendo apenas para a Região Norte do País, que ocupava o primeiro lugar, com o elevado índice de 24,44%. No que se referia ao Brasil como um todo, a taxa não passava de 10,22%, portanto, 4,72% inferior à registrada no Distrito Federal.

Os dados oficiais que acabamos de mostrar, nos colocam, hoje, diante de uma situação verdadeiramente preocupante em relação ao futuro urbano do Distrito Federal e de Brasília, que é o centro das grandes decisões políticas nacionais.

Nesses últimos dias, folheando algumas publicações que apresentavam apenas o lado bom do Distrito Federal, uma falsa realidade de sonhos dourados e lugares paradisíacos; ouvindo algumas declarações apaixonadas, paternalistas ou oportunistas; fazendo anotações sobre alguns discursos políticos desprovidos de qualquer conteúdo, cujos autores são os únicos a acreditarem que suas palavras renderão votos fáceis nas próximas eleições locais; prestando atenção a outros que tentam minimizar seus atos inescrupulosos com declarações de amor à construção da cidade; e observando algumas análises propositadamente distorcidas; constato que a ideologia de boa parte das elites locais, apesar de ter apenas quarenta anos de militância, se reproduz de maneira totalmente deformada. Ela é exatamente igual à ideologia da maioria dos poderosos brasileiros que acreditam na força da impunidade que os protege e no poder, que

acham que detêm, de enganar a todos durante todo tempo.

Para essa parte da elite, cujos filhos nem estudam mais aqui, e cuja residência principal de suas famílias nem é mais no Brasil, Brasília caminha às mil maravilhas e o seu futuro não inspira qualquer cuidado.

Todavia, em oposição a esse posicionamento completamente irresponsável, aparecem os números oficiais da realidade, dos quais não podemos fugir, mesmo sendo os mais cruéis e os mais duros de aceitar.

Os índices formais de desemprego no Distrito Federal são alarmantes e se situam também entre os mais altos do Brasil. Sem dúvida alguma, essa é a herança mais terrível deixada pelo seu acelerado crescimento demográfico e, mais recentemente, pelas práticas políticas populistas e pela velocidade do processo de integração da economia brasileira ao mundo globalizado, que exige cada vez mais uma maior qualificação da mão-de-obra no ato de recrutamento.

Segundo dados apurados pela Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (CODEPLAN), que vem realizando, desde 1991, a Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED-DF), em 1998, cerca de 859 mil pessoas constituíam a População Economicamente Ativa (PEA) local, representada, de acordo com a CODEPLAN, pelas pessoas de dez anos e mais que estavam empregadas ou desempregadas. Naquele ano, a CODEPLAN registrou 167 mil desempregados em todo o Distrito Federal, ou seja, 19,4% da PEA.

Com referência às previsões de hoje, de maneira realista, essa taxa já é de alguns pontos acima de 20%, o que deixa qualquer sociólogo e qualquer economista de cabelos em pé. Sem dúvida alguma, é dela que decorre o aumento da violência urbana; a proliferação de barracos por todas as partes; as constantes invasões de áreas públicas; a desobediência civil; o crescimento do subemprego constatado sobretudo nos estacionamento e nos sinais de trânsito; a crueldade da prostituição infantil e o tráfico de drogas; que assustam todo o DF.

Por outro lado, apoiado ainda nas estatísticas oficiais, é importante ressaltar uma particularidade que existe no mercado de trabalho local. Ao contrário do que ocorre nas demais regiões metropolitanas do Brasil, o Distrito Federal sofre muito mais da necessidade de criar anualmente novos postos de trabalho devido ao crescimento natural da PEA, e devido às pressões exercidas pelo fluxo migratório e pelo crescimento desordenado do Entorno, do que da extinção pura e simples dos empregos já existentes.

Sr. Presidente, Sr^{as.} e Srs. Senadores, como podemos constatar, os gravíssimos problemas sociais que se acumularam ao longo desses 40 anos em todo o Distrito Federal, não podem mais ser subestimados e não podem mais conviver com o jogo da mentira, do paternalismo, da demagogia, da improbidade administrativa, da impunidade, das frases de efeito e da improvisação como tem sido até agora. Evidentemente, as soluções para o conjunto desses gigantescos problemas vão exigir uma grande mobilização social, seriedade dos dirigentes, vontade política e dedicação nunca antes encontrada nos governantes que tiveram até hoje a responsabilidade de coordenar a sua administração.

Ao lado da proteção das florestas, da flora, da fauna, e da luta contra a poluição, outra grande questão ecológica que deverá despontar com intensidade no século XXI, é o problema das cidades e das metrópoles que estão em constante mutação. Nesse sentido, o debate sobre a contenção de suas perigosas contradições e sobre o controle da degradação dos seus espaços e dos seus recursos, será determinante para a sobrevivência da democracia.

Lamentavelmente, nos dias de hoje, nos espaços ocupados pelas grandes metrópoles e pelas megalópoles, as bases sociais estão em acelerado processo de desintegração. Assim, já faz algum tempo que a grande cidade deixou de ser um lugar de socialização e se transformou em uma selva violenta, onde se trava todos os dias uma sangrenta luta armada de grandes proporções e com muitas vítimas fatais.

Assim, em plena efervescência da revolução da informação, que gera desemprego estrutural em massa e exclusão social cada vez mais crescente, o Estado está diante de um imenso desafio. Ele precisa ter forças para poder controlar o avanço tecnológico que não respeita barreiras, aniquila implacavelmente o trabalho humano, e torna insuportável e infeliz a vida dos indivíduos. Se o poder político não for capaz de cumprir essa árdua missão, nós iremos tremer em nossas casas com o avanço das constantes revoltas populares e dos arrastões que já são comuns nas periferias, e vez por outra, surpreendem as chamadas zonas nobres das grandes cidades.

Hoje, já temendo uma invasão do quarto mundo em seus domínios, e um inevitável aprofundamento dessas desigualdades, aqui mesmo em Brasília, uma parte da elite vive enclausurada em verdadeiros *bunkers* informatizados, nas áreas mais caras do Plano Piloto, do Setor Nobre do Sudoeste, do Lago Sul e do Lago Norte. Presos em suas próprias fortalezas, eles

temem a cada instante o ataque dos miseráveis que estão a menos de 20 quilômetros de suas formidáveis e confortáveis fortificações, ou seja, nas periferias infectas e miseráveis das cidades satélites.

Como qualquer espaço urbano do Terceiro Mundo, o Distrito Federal está se metropolizando numa velocidade impressionante e não consegue mais absorver os milhares de desocupados que vivem em seu território ou que estão à sua volta sem qualquer perspectiva. Ao contrário de São Paulo, no auge da industrialização, que necessitava da força do subproletariado nordestino para movimentar o seu frenético ritmo de crescimento generalizado, Brasília é uma cidade terciária e necessita de uma mão-de-obra mais especializada, ou seja, que tenha no mínimo o segundo grau completo. Nem mesmo o Centro-Oeste consegue absorver esse enorme exército de párias porque o desenvolvimento regional espelha-se em uma agroindústria altamente sofisticada, com altos níveis de produtividade e baixíssima intensidade de mão-de-obra. Enfim, são as exigências da globalização, que também chega ao campo impondo suas regras excludentes. Em sua cartilha da competitividade, existem espaços intermináveis para a palavra capital, investimentos maciços em tecnologias de ponta, mecanização, rapidez, qualidade, produtividade e eficiência técnica para poder competir no mercado internacional. Em contrapartida, em relação ao trabalho, os espaços existentes não são muito generosos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, apesar da realidade cruel que estamos vivendo neste final de século, ainda podemos salvar Brasília e evitar que ela se transforme em um irreversível caos urbano como se transformaram São Paulo e Rio de Janeiro. Precisamos evitar por todos os meios que o sonho de Oscar Niemeyer, que imaginou uma cidade solidária, se transforme em um inferno ingovernável como virou a cidade do México, que hoje, apenas teoricamente, ostenta a condição de Distrito Federal. Não queremos ver a obra do grande Presidente Juscelino Kubitschek reduzida a um espaço de *apartheid* onde alguns milhares de sedentários privilegiados e alguns milhões de nômades excluídos estão em guerra permanente. Os primeiros, trancados em suas fortalezas, com os seus celulares, seus *lap tops* e suas televisões de alta definição, protegidos por cães ferozes e por seguranças armados até os dentes, e os segundos, os nômades, perambulando dia e noite sem rumo pelas ruas, vivendo da violência, da sobra social e da promiscuidade.

Apesar desse drama social urbano, que se parece mais com o Inferno de Dante do que com o Paraíso do Anjo Gabriel, não podemos perder as esperanças e devemos acreditar que uma cidade ainda se faz em torno da paz, da memória, da cultura e da restauração.

Era o que tinha a dizer!

Muito obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Geraldo Melo) – Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos.

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 5 minutos.)

(OS 13070/00)

AGENDA DO PRESIDENTE ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

26-4-2000

Quinta-feira

- 10h30** – Senhor José Orcírio Miranda dos Santos, Governador de Mato Grosso do Sul
- 11h** – Sessão Especial destinada a comemorar os 40 anos de Brasília.
Plenário do Senado Federal
- 14h** – Sessão Conjunta do Congresso Nacional
Plenário da Câmara dos Deputados

(1) CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR
(Eleito em 30-6-1999)

Presidente: Ramez Tebet (*)

Vice-Presidente: Juvêncio da Fonseca (*)

Titulares

Suplentes

PMDB

UF/Ramal

1. Casildo Maldaner - SC/2141
2. Ramez Tebet - MS/2221
3. Nabor Júnior - AC/1478
4. Ney Suassuna - PB/4345
5. Amir Lando - RO/3130

UF/Ramal

1. Marluce Pinto - RR/1301
2. Gerson Camata - ES/3203
3. (Vago)
4. (Vago)
5. (Vago)

PFL

UF/Ramal

1. Geraldo Althoff - SC/2041
2. Francelino Pereira - MG/2411
3. Paulo Souto - BA/3173
4. Juvêncio da Fonseca - MS/1128

UF/Ramal

1. José Agripino - RN/2361
2. Carlos Patrocínio - TO/4058
3. Djalma Bessa - BA/2211
4. Freitas Neto - PI/2131

PSDB

UF/Ramal

1. Lúcio Alcântara - CE/2301
2. Osmar Dias - PR/2124
3. José Roberto Arruda - DF/2014

UF/Ramal

1. Antero Paes de Barros - MT/1246
2. Luzia Toledo - ES/2022
3. Romero Jucá - RR/2111

Bloco de Oposição

UF/Ramal

1. Lauro Campos - DF/2341 (PT)
2. Heloisa Helena - AL/3197 (PT)
3. Jefferson Peres - AM/2061 (PDT)

UF/Ramal

1. José Eduardo Dutra - SE/2391 (PT)
2. Marina Silva - AC/2183 (PT)
3. Roberto Saturnino - RJ/4229 (PSB)

Membro Nato

Romeu Tuma (Corregedor do Senado) - SP/2051 (PFL)

(*) Eleitos em 24.11.99.

(1) Ao Serviço de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento, vinculado à Secretaria-Geral da Mesa, compete providenciar o expediente de seus dirigentes e conceder suporte administrativo, de informática e de instrução processual referentes às suas atribuições institucionais definidas na Constituição Federal (art. 220 a 224), na Lei nº 8.389, de 1991, no Regimento Interno e, especificamente, nas Resoluções nºs 17 e 20, de 1993, e 40, de 1995. (Resolução nº 9/97).

Fone: 311-3265



SENADO FEDERAL

SECRETARIA - GERAL DA MESA
SUBSECRETARIA DE COMISSÕES
Diretora: CLEIDE MARIA BARBOSA F. CRUZ
Ramais: 3490 - 3491 Fax: 1095

SERVIÇO DE APOIO ÀS COMISSÕES ESPECIAIS E
PARLAMENTARES DE INQUÉRITO
Chefe: LUIZ CLÁUDIO DE BRITO
Ramais: 3511 - 3514 Fax: 3606

Secretários: FRANCISCO NAURIDES BARROS (Ramal 3508)
DULCÍDIA FRANCISCA RAMOS (Ramal 3623)
WILL DE MOURA WANDERLEY (Ramal 3510)
JANICE DE CARVALHO LIMA (Ramal 3492)

SERVIÇO DE APOIO ÀS COMISSÕES MISTAS
Chefe: SÉRGIO DA FONSECA BRAGA
Ramais: 3507 - 3520 Fax: 3512

Secretários: JOAQUIM BALDOÍNO DE B. NETO (Ramal: 4256)
CLEUDES BOAVENTURA NERY (Ramal: 4256)
HAMILTON COSTA DE ALMEIDA (Ramal: 3509)

SERVIÇO DE APOIO ÀS COMISSÕES PERMANENTES
Chefe:

Ramais: 4638 - 3492 Fax: 4573

Secretários: CAE - DIRCEU VIEIRA MACHADO FILHO (Ramal: 4605)
- LUIZ GONZAGA DA SILVA FILHO (Ramal: 3516)

CAS - JOSÉ ROBERTO ASSUNÇÃO CRUZ (Ramal: 4608)
- ELISABETH GIL BARBOSA VIANNA (Ramal: 3515)

CCJ - ALTAIR GONÇALVES SOARES (Ramal: 4612)
- GILDETE LEITE DE MELO (Ramal: 3972)

CE - JÚLIO RICARDO BORGES LINHARES (Ramal: 4604)
- PAULO ANTONIO FIGUEIREDO AZEVEDO (Ramal 3498)

CFC - JOSÉ FRANCISCO B. DE CARVALHO (Ramal: 3935)
- AIRTON DANTAS DE SOUSA (Ramal 3519)

CI - CELSO ANTONY PARENTE (Ramal: 4607)

CRE - MARCOS SANTOS PARENTE FILHO (Ramal: 3496)
- MARCOS ANTONIO MORAES PINTO (Ramal 3529)

COMISSÕES PERMANENTES
(Arts. 72 e 77 RISF)

1) COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS - CAE

Presidente: NEY SUASSUNA
Vice-Presidente: BELLO PARGA
(27 titulares e 27 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
AGNELO ALVES	RN	2461/2467	1. GERSON CAMATA	ES	3203/3204
JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607	2. PEDRO SIMON	RS	3230/3232
JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621	3. ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407
LUIZ ESTEVÃO	DF	4064/4065	4. ALBERTO SILVA	PI	3055/3057
MAGUITO VILELA	GO	3149/3150	5. MARLUCE PINTO	RR	1301/4062
GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106	6. MAURO MIRANDA	GO	2091/2097
RAMEZ TEBET	MS	2221/2227	7. WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195
NEY SUASSUNA	PB	4345/4346	8. AMIR LANDO	RO	3130/3132
CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297	9. JOÃO ALBERTO SOUZA	MA	4073/4074

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206	1. JOSÉ AGRIPINO	RN	2361/2367
FRANCELINO PEREIRA	MG	2411/2417	2. JOSÉ JORGE	PE	3245/3246
EDISON LOBÃO	MA	2311/2317	3. ROMEU TUMA	SP	2051/2057
BELLO PARGA	MA	3069/3072	4. BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087
JONAS PINHEIRO	MT	2271/2272	5. EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS (3)	TO	4070/4072
FREITAS NETO	PI	2131/2137	6. GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047
PAULO SOUTO	BA	3173/3175	7. MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163
			8. MOREIRA MENDES	RO	2231/2237

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017	1. VAGO	RR	2111/2117
ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348	2. SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287
LÚDIO COELHO	MS	2381/2387	3. LUIZ PONTES	CE	3242/3243
ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117	4. LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2111/2117
PEDRO PIVA	SP	2351/2355	5. OSMAR DIAS	PR	2121/2137

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
EDUARDO SUPPLY - PT	SP	3213/3215	1. ANTONIO C. VALADARES - PSB (1)	SE	2201/2207
LAURO CAMPOS - PT	DF	2341/2347	2. SEBASTIÃO ROCHA - PDT	AP	2241/2247
JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397	3. ROBERTO FREIRE - PPS (1)	PE	2161/2164
ROBERTO SATURNINO - PSB (1)	RJ	4229/4230	4. MARINA SILVA - PT	AC	2181/2187
JEFFERSON PERES - PDT	AM	2061/2067	5. HELOISA HELENA - PT	AL	3197/3199

PPB

TITULAR	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
LUIZ OTÁVIO (2)	PA	3050/4393	1. ERNANDES AMORIM	RO	2255/2257

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Desfilou-se do PPB, em 15/12/1999.

(3) Licenciado, nos termos do art. 56, I, da Constituição Federal, a partir de 30/03/2000.

Reuniões: Terças-feiras às 10:00 horas
Secretário: Dirceu Vieira Machado Filho

Telefones da Secretaria: 311-3516/4605

Sala nº 19 - Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-32 55

Fax: 311-4344 - E-mail: dirceu@senado.gov.br

2) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS - CAS

Presidente: OSMAR DIAS

Vice-Presidente: HELOÍSA HELENA

(29 titulares e 29 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297	1. RENAN CALHEIROS	AL	2261/2262
GILVAM BORGES	AP	2151/2157	2. JOSÉ SARNEY	AP	3429/3431
JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621	3. MAURO MIRANDA	GO	2091/2097
LUIZ ESTEVÃO	DF	4064/4065	4. JADER BARBALHO	PA	2441/2447
MAGUITO VILELA	GO	3149/3150	5. JOÃO ALBERTO SOUZA	MA	4073/4074
MARLUCE PINTO	RR	1301/4062	6. AMIR LANDO	RO	3130/3132
PEDRO SIMON	RS	3230/3232	7. GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106
VAGO			8. JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607
VAGO			9. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JONAS PINHEIRO	MT	2271/2277	1. EDISON LOBÃO	MA	2311/2317
JUVÊNCIO DA FONSECA	MS	1128/1228	2. FREITAS NETO	PI	2131/2137
DJALMA BESSA	BA	2212/2213	3. BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087
GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047	4. PAULO SOUTO	BA	3173/3175
MOREIRA MENDES	RO	2231/2237	5. JOSÉ AGRIPINO	RN	2361/2367
MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/4057	6. JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206
EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS (2)	TO	4070/4072	7. VAGO		
MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163	8. VAGO		

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348	1. ARTUR DA TÁVOLA	RJ	2431/2437
LUIZ PONTES	CE	3242/3243	2. LUZIA TOLEDO	ES	2022/2024
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301/2307	3. PEDRO PIVA	SP	2351/2353
OSMAR DIAS	PR	2121/2125	4. JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017
SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287	5. GERALDO LESSA	AL	4093/4096
ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117	6. ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2171/2172	1. EMÍLIA FERNANDES - PDT	RS	2331/2337
MARINA SILVA - PT	AC	2181/2187	2. LAURO CAMPOS - PT	DF	2341/2347
SEBASTIÃO ROCHA - PDT	AP	2241/2247	3. ROBERTO FREIRE-PPS (1)	PE	2161/2164
HELOÍSA HELENA - PT	AL	3197/3199	4. JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397
TIÃO VIANA - PT	AC	3038/3493	5. JEFERSON PERES - PDT	AM	2061/2067

PPB

TITULAR	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
LEOMAR QUINTANILHA	TO	2071/2077	ERNANDES AMORIM	RO	2251/2257

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Licenciado, nos termos do art. 56, I, da Constituição Federal, a partir de 30/03/2000.

Reuniões: Quartas-feiras de 9:00 às 11:00 horas (*)

Secretário: José Roberto A. Cruz

Telefones da Secretaria: 311-4608/3515

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários
Horário regimental: Quartas-feiras às 14:00 horas

Sala nº 09 - Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3359

Fax: 311-3652 - E-mail: jracs@senado.gov.br

**2.1) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS
SUBCOMISSÃO PERMANENTE PARA ACOMPANHAMENTO E INVESTIGAÇÃO DE
CASOS DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO E PROSTITUIÇÃO INFANTO-JUVENIS**

**PRESIDENTE: SENADORA MARLUCE PINTO
VICE-PRESIDENTE: SENADORA MARIA DO CARMO ALVES
RELATORA: SENADORA HELOÍSA HELENA**

PMDB

**MARLUCE PINTO
LUIZ ESTEVÃO**

**RR-1301/4062
DF-4064/65**

PFL

**GERALDO ALTHOFF
MARIA DO CARMO ALVES**

**SC-2041/47
SE-4055/57**

PSDB

OSMAR DIAS

PR-2121/25

(1) BLOCO OPOSIÇÃO (PT - PDT)

**HELOÍSA HELENA (PT)
TIÃO VIANA (PT)
EMILIA FERNANDES (PDT)**

**AL-3197/99
AC-3038/3493
RS-2331/37**

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5-10-99; e o PSB, em 27-3-2000

**SECRETÁRIO: JOSÉ ROBERTO A. CRUZ
SALA Nº 9 – ALA SENADOR ALEXANDRE COSTA
TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3515/4608
FAX: 311-3652**

E-MAIL: jrac@senado.gov.br

**REUNIÕES: SALA Nº 11-A – ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL. DA SALA DE REUNIÕES: 311-3359**

**2.2) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS
SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO IDOSO**

**PRESIDENTE: SENADOR LUIZ ESTEVÃO
VICE-PRESIDENTE:**

PMDB

**LUIZ ESTEVÃO
MARLUCE PINTO**

**DF-4064/65
RR-1301/4062**

PFL

**JUVÊNCIO DA FONSECA
DJALMA BESSA**

**MS-1128/1228
BA-2211/17**

PSDB

ANTERO PAES DE BARROS

MT-1248/1348

(1) BLOCO OPOSIÇÃO (PT - PDT)

SEBASTIÃO ROCHA (PDT)

AP-2241/47

PPB

LEOMAR QUINTANILHA

TO-2071/77

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5-10-89; e o PSB, em 27-3-2000

**SECRETÁRIO: JOSÉ ROBERTO A. CRUZ
SALA Nº 9 – ALA SENADOR ALEXANDRE COSTA
TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3515/4608
FAX: 311-3652**

**E-MAIL: jrac@senado.gov.br
REUNIÕES: SALA Nº 9 – ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL. DA SALA DE REUNIÕES: 311-3359**

DESIGNADA EM 6-10-1999

3) COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA – CCJ**Presidente: JOSÉ AGRIPINO****Vice-Presidente: RAMEZ TEBET****(23 titulares e 23 suplentes)****PMDB**

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
AMIR LANDO	RO	3130/3132	1. CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297
RENAN CALHEIROS	AL	2261/2262	2. AGNELO ALVES	RN	2461/2467
IRIS REZENDE	GO	2032/2039	3. GILVAM BORGES	AP	2151/2157
JADER BARBALHO	PA	2441/2447	4. LUIZ ESTEVÃO	DF	4064/4065
JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607	5. NEY SUASSUNA	PB	4345/4346
PEDRO SIMON	RS	3230/3232	6. WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195
RAMEZ TEBET	MS	2221/2227	7. JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621
ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407	8. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087	1. MOREIRA MENDES	RO	2231/2237
JOSÉ AGRIPINO	RN	2361/2367	2. DJALMA BESSA	BA	2212/2213
EDISON LOBÃO	MA	2311/2317	3. BELLO PARGA	MA	3069/3072
FRANCELINO PEREIRA	MG	2411/2417	4. JUVÊNCIO DA FONSECA	MS	1128/1228
ROMEU TUMA	SP	2051/2057	5. JOSÉ JORGE	PE	3245/3246
MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/4057	6. MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207	1. ARTUR DA TÁVOLA	RJ	2431/2437
CARLOS WILSON (2)	PE	2451/2457	2. PEDRO PIVA	SP	2351/2353
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301/2307	3. LUIZ PONTES	CE	3242/3243
LUZIA TOLEDO	ES	2022/2024	4. ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117
SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287	5. GERALDO LESSA	AL	4093/4095

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ANTÔNIO C. VALADARES – PSB (1)	SE	2201/2204	1. SEBASTIÃO ROCHA – PDT	AP	2241/2247
ROBERTO FREIRE – PPS (1)	PE	2161/2167	2. MARINA SILVA – PT	AC	2181/2187
JOSÉ EDUARDO DUTRA – PT	SE	2391/2397	3. HELOÍSA HELENA – PT	AL	3197/3199
JEFFERSON PERES – PDT	AM	2061/2067	4. EDUARDO SUPPLY – PT	SP	3215/3217

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Filiou-se ao PPS em 23/9/1999.

Reuniões: Quartas-feiras às 10:30 horas (*)

Secretário: Altair Gonçalves Soares

Telefones da Secretaria: 311-3972/4612

Sala nº 03 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3541

Fax: 311-4315 - E-mail: altairg@senado.gov.br

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários

Horário regimental: Quartas-feiras às 10:00 horas

3.1. COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA

SUBCOMISSÃO PERMANENTE DESTINADA A ACOMPANHAR E FISCALIZAR AS “INDICAÇÕES APONTADAS” NO RELATÓRIO FINAL DA “CPI DO JUDICIÁRIO” E RECEBER NOVAS DENÚNCIAS E INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM O OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO.

Presidente:
Vice-Presidente:

(7 membros)

PMDB - 3

PFL - 2

PSDB - 1

BLOCO DE OPOSIÇÃO - 1

4) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO – CE

Presidente: FREITAS NETO
Vice-Presidente: LUZIA TOLEDO
(27 titulares e 27 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
AMIR LANDO	RO	3130/3132	1. MAGUITO VILELA	GO	3149/3150
AGNELO ALVES	RN	2461/2467	2. NEY SUASSUNA	PB	4345/4346
GERSON CAMATA	ES	3203/3204	3. RAMEZ TEBET	MS	2221/2227
IRIS REZENDE	GO	2032/2039	4. ALBERTO SILVA	PI	3055/3057
JOSÉ SARNEY	AP	3430/3431	5. JADER BARBALHO	PA	2441/2447
PEDRO SIMON	RS	3230/3232	6. VAGO		
ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407	7. JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607
GILVAM BORGES	AP	2151/2157	8. VAGO		
LUIZ ESTEVÃO	DF	4064/4065	9. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087	1. GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047
FREITAS NETO	PI	2131/2137	2. FRANCELINO PEREIRA	MG	2214/2217
DJALMA BESSA	BA	2212/2213	3. JONAS PINHEIRO	MT	2271/2277
JOSÉ JORGE	PE	3245/3246	4. MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163
JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206	5. ROMEU TUMA	SP	2051/2057
EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS (4)	TO	4070/4072	6. EDISON LOBÃO	MA	2311/2317
BELLO PARGA	MA	3069/3072	7. MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/4057

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207	1. CARLOS WILSON (3)	PE	2451/2457
ARTUR DA TÁVOLA	RJ	2431/2437	2. OSMAR DIAS	PR	2121/2125
LUZIA TOLEDO	ES	2022/2024	3. VAGO (Cessão ao PPS)		
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301/2307	4. LÚDIO COELHO	MS	2381/2387
GERALDO LESSA	AL	4093/4095	5. ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
SEBASTIÃO ROCHA –PTD	AP	2241/2247	1. GERALDO CÂNDIDO – PT	RJ	2117/2177
HELOÍSA HELENA – PT	AL	3197/3199	2. ANTONIO C. VALADARES – PSB (1)	SE	2201/2207
EMÍLIA FERNANDES – PTD	RS	2331/2337	3. LAURO CAMPOS – PT	DF	2341/2347
ROBERTO SATURNINO – PSB (1)	RJ	4229/4230	4. TIÃO VIANA – PT	AC	3038/3493
MARINA SILVA – PT	AC	2181/2187	5. JEFFERSON PERES – PDT	AM	2061/2067

PPB

TITULAR	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
LUIZ OTÁVIO (4)	PA	3050/4393	1. LEOMAR QUINTANILHA	TO	2071/2077

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Filiou-se ao PPS, em 23/9/1999.

(3) Desfilou-se do PPB, em 15/12/1999.

(4) Licenciado, nos termos do art. 56, I, da Constituição Federal, a partir de 30/03/2000.

Reuniões: Terças-feiras às 17:00 horas (*)

Secretário: Júlio Ricardo B. Linhares

Telefones da Secretaria: 311-3498/4604

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários.
Horário regimental: Quintas-feiras às 14:00 horas

Sala nº 15 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3276

FAX: 311-3121

**4.1) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO
SUBCOMISSÃO DE RÁDIO E TV**

**PRESIDENTE:
(9 TITULARES)**

PMDB

AMIR LANDO	RO-3130/32
GERSON CAMATA	ES-3203/04
PEDRO SIMON	RS-3230/32

PFL

DJALMA BESSA	BA-2211/17
ROMEU TUMA	SP-2051/57

PSDB

ALVARO DIAS	PR-3206/07
ARTUR DA TÁVOLA	RJ-2431/37

(1) BLOCO OPOSIÇÃO (PT - PDT)

GERALDO CÂNDIDO (PT)	RJ-2171/77
EMILIA FERNANDES (PDT)	RS-2331/37

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 6-10-99; e o PSB, em 27-3-2000

REUNIÕES: SALA Nº 15 – ALA SENADOR ALEXANDRE COSTA
SECRETÁRIO: JÚLIO RICARDO B. LINHARES
TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3498/4604
FAX: 311-3121
TELEFONE DA SALA DE REUNIÃO: 311-3276
E-MAIL: julioric@senado.gov.br

**4.2) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO
SUBCOMISSÃO DO CINEMA BRASILEIRO**

**PRESIDENTE: SENADOR JOSÉ FOGAÇA
RELATOR: SENADOR FRANCELINO PEREIRA
(6 TITULARES E 6 SUPLENTEs)**

TITULARES

SUPLENTEs

PMDB

**JOSÉ FOGAÇA
MAGUITO VILELA**

**RS-1207/1607
GO-3149/50**

**AGNELO ALVES
GERSON CAMATA**

**RN-2461/67
ES-3203/04**

PFL

FRANCELINO PEREIRA

MG-2414/17

MARIA DO CARMO ALVES

SE-4055/57

PSDB

LÚCIO ALCÂNTARA

CE-2303/08

ALVARO DIAS

PR-3206/07

(1) BLOCO OPOSIÇÃO (PT - PDT)

ROBERTO SATURNINO (PSB)¹

RJ-4229/30

SEBASTIÃO ROCHA (PDT)

AP-2241/47

PPB

LUIZ OTÁVIO (2)

PA-3050/4393

LEOMAR QUINTANILHA

TO-2071/79

⁽¹⁾ Retiram-se do Bloco: o PPS, em 8-10-89; e o PSB, em 27-3-2000

⁽²⁾ Desfilou-se do PPB, em 16-12-1995

**REUNIÕES: 5ª FEIRA ÀS 9:00 HORAS SALA Nº 15 – ALA SENADOR ALEXANDRE COSTA
SECRETÁRIO: JÚLIO RICARDO B. LINHARES
TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3498/4604 FAX: 311-3121
TELEFONE DA SALA DE REUNIÃO: 311-3276
E-MAIL: julioric@senado.gov.br**

5) COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL - CRE					
Presidente: JOSÉ SARNEY					
Vice-Presidente: CARLOS WILSON					
(19 titulares e 19 suplentes)					
PMDB					
TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106	1. AGNELO ALVES	RN	2461/2467
JADER BARBALHO	PA	2441/2447	2. GERSON CAMATA	ES	3203/3204
JOÃO ALBERTO SOUZA	MA	4073/4074	3. LUIZ ESTEVÃO	DF	4064/4065
JOSÉ SARNEY	AP	3430/3431	4. MAGUITO VILELA	GO	3149/3150
MAURO MIRANDA	GO	2091/2097	5. MARLUCE PINTO	RR	1301/4062
WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195	6. JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621
JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607	7. PEDRO SIMON	RS	3230/3232
PFL					
TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087	1. HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087
ROMÉU TUMA	SP	2051/2057	2. JOSÉ AGRIPINO	RN	2361/2367
JOSÉ JORGE	PE	3245/3246	3. DJALMA BESSA	BA	2212/2213
MOREIRA MENDES	RO	2231/2237	4. GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047
MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163	5. PAULO SOUTO	BA	3173/3175
PSDB					
TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
ARTUR DA TAVOLA	RJ	2431/2437	1. LÚCIO ALCANTARA	CE	2301/2307
ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207	2. JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017
LÚDIO COELHO	MS	2381/2387	3. ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117
PEDRO PIVA	SP	2351/2353	4. SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287
(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)					
TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
LAURO CAMPOS - PT	DF	2341/2347	1. SEBASTIÃO ROCHA - PDT	AP	2241/2247
EDUARDO SUPLICY - PT	SP	3215/3217	2. ROBERTO SATURNINO-PSB(1)	RJ	4229/4230
TIÃO VIANA - PT	AC	3038/3493	3. EMILIA FERNANDES - PDT	RS	2331/2337

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

Reuniões: Terças-feiras às 17:30 horas (*)
 Secretário: Marcos Santos Parente Filho
 Telefone da Secretaria: 311-3259/3496/4777

Sala nº 07 - Ala Senador Alexandre Costa
 Telefone da Sala de Reunião: 311-3367
 Fax: 311-3546

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários
 Horário regimental: Quintas-feiras às 10:00 horas

6) COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA – CI

Presidente: EMILIA FERNANDES

Vice-Presidente: ALBERTO SILVA

(23 titulares e 23 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ALBERTO SILVA	PI	3055/3057	1. CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297
GERSON CAMATA	ES	3203/3204	2. IRIS REZENDE	GO	2032/2039
MARLUCE PINTO	RR	1301/4062	3. JOSÉ SARNEY	AP	3430/3431
MAURO MIRANDA	GO	2091/2097	4. RAMEZ TEBET	MS	2221/2227
GILVAM BORGES	AP	2151/2152	5. ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407
VAGO			6. GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106
VAGO			7. VAGO		
VAGO			8. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JOSÉ AGRIPINO	RN	2361/2367	1. JONAS PINHEIRO	MT	2271/2277
PAULO SOUTO	BA	3173/3175	2. JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206
MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163	3. HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087
VAGO			4. MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/4057
JUVÊNCIO DA FONSECA	MS	1128/1228	5. VAGO		
ARLINDO PORTO PTB (Cessão)	MG	2321/2327	6. FREITAS NETO	PI	2131/2137

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017	1. ALVARO DIAS	PR	3206/3207
LUIZ PONTES	CE	3242/3243	2. ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348
OSMAR DIAS	PR	2121/2125	3. LÚDIO COELHO	MS	2381/2387
ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117	4. VAGO (Cessão ao PPS)		
GERALDO LESSA	AL	4093/4096	5. VAGO		

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ANTONIO C. VALADARES-PSB (1)	SE	2201/2207	1. EDUARDO SUPICY - PT	SP	3215/3217
EMILIA FERNANDES - PDT	RS	2331/2337	2. TIÃO VIANA - PT	AC	3038/3493
GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2171/2177	3. JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397
ROBERTO FREIRE - PPS (1)	PE	2161/2164	4. ROBERTO SATURNINO-PSB(1)	RJ	4229/4230

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

Reuniões: Quintas-feiras de 9:00 às 11:30 horas (*)

Secretário: Celso Parente

Telefone da Secretaria: 311-4354/4607

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Parlamentares
Horário regimental Terças-feiras às 14:00 horas

Sala nº 13 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3292

Fax: 311-3286

7) COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO E CONTROLE - CFC

Presidente: ROMERO JUCÁ
Vice-Presidente: ROMEU TUMA
(17 titulares e 9 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ALBERTO SILVA	PI	3055/3057	1. GILVAM BORGES	AP	2151/2157
VAGO			2. IRIS REZENDE	GO	2032/2039
JOÃO ALBERTO SOUZA	MA	4073/4074	3. RENAN CALHEIROS	AL	2261/2262
MARLUCE PINTO	RR	1301/4062			
NEY SUASSUNA	PB	4345/4346			
WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195			

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087	1. BELLO PARGA	MA	3069/3072
GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047	2. FRANCELINO PEREIRA	MG	2411/2417
ROMEU TUMA	SP	2051/2057			
MOREIRA MENDES	RO	2231/2237			
ERNANDES AMORIM	RO	2251/2255			

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
CARLOS WILSON (2)	PE	2451/2457	1. PEDRO PIVA	SP	2351/2353
LUIZ PONTES	CE	3242/3243	2. SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287
ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117			

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
EDUARDO SUPLEY - PT	SP	3215/3216	1. GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2171/2177
JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397	2. ROBERTO SATURNINO-PSB(1)	RJ	4229/4230
JEFFERSON PÉRES - PDT	AM	2061/2067			

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Filiou-se ao PPS em 23/9/1999.

Reuniões: Quartas-feiras às 18:00 horas (*)

Secretário: José Francisco B. Carvalho

Telefone da Secretaria: 311-3935/3519

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários

Sala nº 06 - Ala Senador Nilo Coelho

Telefone da Sala de Reunião: 311-3254

Fax: 311-1060

COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (Representação Brasileira)

PRESIDENTE DE HONRA: SENADOR JOSÉ SARNEY

MESA DIRETORA

CARGO	TÍTULO	NOME	PART	UF	GAB	FONE	FAX
PRESIDENTE	DEPUTADO	JULIO REDECKER	PPB	RS	621	318 5621	318 2621
VICE-PRESIDENTE	SENADOR	JOSÉ FOGAÇA	PMDB	RS	*07	311 1207	223 6191
SECRETÁRIO-GERAL	SENADOR	JORGE BORNHAUSEN	PFL	SC	** 04	311 4206	323 5470
SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO	DEPUTADO	FEU ROSA	PSDB	ES	960	318 5960	318 2960

MEMBROS TITULARES MEMBROS SUPLENTEs

SENADORES

NOME	UF	GAB	FONE	FAX	NOME	UF	GAB	FONE	FAX
PMDB									
JOSÉ FOGAÇA	RS	*07	311 1207	223 6191	PEDRO SIMON	RS	*** 03	311 3230	311 1018
CASILDO MALDANER	SC	#14	311 2141	323 4063	MARLUCE PINTO	RR	** 08	311 1301	225 7441
ROBERTO REQUIÃO	PR	*** 09	311 2401	3234198	AMIR LANDO	RO	### 15	311 3130	323 3428
PFL									
JORGE BORNHAUSEN	SC	** 04	311 4206	323 5470	DJALMA BESSA	BA	# 13	311 2211	224 7903
GERALDO ALTHOFF	SC	### 05	311 2041	323 5099	JOSÉ JORGE	PE	e 04	311 3245	323 6494
PSDB									
ANTERO PAES DE BARROS	MT	** 24	311 1248	321 9470	GERALDO LESSA	AL	#02	3111102	3233571
PEDRO PIVA	SP	@01	311 2351	323 4448	LUZIA TOLEDO	ES	*13	311 2022	323 5625
PT/PSB/PDT/PPS									
EMILIA FERNANDES	RS	##59	311-2331	323-5994	ROBERTO SATURNINO	RJ	# 11	311 4230	323 4340

LEGENDA:

* ALA SEN. AFONSO ARINOS	# ALA SEN. TEOTÔNIO VILELA	@ EDIFÍCIO PRINCIAL
** ALA SEN. NILO COELHO	## ALA SEN. TANCREDO NEVES	@ ALA SEN. RUY CARNEIRO
*** ALA SEN. ALEXANDRE COSTA	### ALA SEN. FELINTO MÜLLER	*# ALA SEN. AFONSO ARINOS
@@@ ALA SEN. DINARTE MARIZ		

MEMBROS TITULARES					MEMBROS SUPLENTE				
DEPUTADOS									
NOME	UF	GAB	FONE	FAX	NOME	UF	GAB	FONE	FAX
PFL									
NEY LOPES	RN	326	318 5326	318 2326	MALULY NETTO	SP	219	318 5219	318 2219
SANTOS FILHO	PR	522	318 5522	318 2522	LUCIANO PIZZATTO	PR	541	318 5541	318 2541
PMDB									
CONFUCIO MOURA	RO	* 573	318 5573	318 2573	EDISON ANDRINO	SC	639	318 5639	318 2639
GERMANO RIGOTTO	RS	838	318 5838	318 2838	OSMAR SERRAGLIO	PR	845	318 5845	318 2845
PSDB									
NELSON MARCHEZAN	RS	# 13	318 5963	318 2963	MARISA SERRANO (*)				
FEU ROSA	ES	960	318 5960	318 2960	JOÃO HERRMANN NETO	SP	637	318 5637	318 5637
PPB									
JULIO REDECKER	RS	621	318-5621	318-2621	CELSO RUSSOMANNO	SP	756	318 5756	318 2756
PT									
LUIZ MAINARDI	RS	*369	3185369	3182369	PAULO DELGADO	MG	* 268	318 5268	318 2268

LEGENDA:

- * GABINETES LOCALIZADOS NO ANEXO III
- # GABINETES LOCALIZADOS NO ANEXO II

SECRETARIA DA COMISSÃO:

ENDEREÇO: CÂMARA DOS DEPUTADOS - ANEXO II - SALA T/24 - BRASÍLIA - DF - 70160-900

FONE: (55) (061) 318 7436 - 318 7186 - 318 8232 - 318 7433 - FAX: (55) (061) 318 2154

<http://www.camara.gov.br> (botão de Comissões Mistas)

e mail - mercosul@abordo.com.br

SECRETÁRIO: ANTONIO FERREIRA COSTA FILHO

ASSESSORIA TÉCNICA: Dra. MARIA CLÁUDIA DRUMMOND, Dr. JORGE FONTOURA e Dr. FRANCISCO EUGÊNIO ARCANJO

PREÇO DE ASSINATURA SEMESTRAL

Assinatura DCD ou DSF s/o porte	R\$ 31,00
Porte de Correio	R\$ 96,60
Assinatura DCD ou DSF c/o porte (cada)	R\$ 127,60
Valor do número avulso	R\$ 0,30
Porte avulso	R\$ 0,80

PREÇO DE ASSINATURA ANUAL

Assinatura DCD ou DSF s/o porte	R\$ 62,00
Porte de Correio	R\$ 193,20
Assinatura DCD ou DSF c/o porte (cada)	R\$ 255,20
Valor do número avulso	R\$ 0,30
Porte avulso	R\$ 0,80

ug = 020002
gestão = 02902

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de Empenho**, **Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal – Agência 1386-2 PAB SEEP**, conta nº 920001-2, **Banco do Brasil**, Agência 3602-1, conta nº 170500-8, ou recibo de depósito via FAX (061) 224-5450, a favor do FUNSEEP, indicando a assinatura pretendida, conforme tabela de códigos identificadores abaixo discriminado:

02000202902001-3 – Subsecretaria de Edições Técnicas
02000202902002-1 – Assinaturas de Diários
02000202902003-X – Venda de Editais
02000202902004-8 – Orçamento/Cobrança
02000202902005-6 – Venda de Aparas de Papel
02000202902006-4 – Alienação de Bens (leilão)
02000202902007-2 – Secretaria Especial de Editoração e Publicações

SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES S/Nº - BRASÍLIA – DF – CEP 70165-900
CGC 00.530.279/0005-49

Obs.: Não sera recebido cheque via carta para efetivar assinaturas dos DCN.

Maiores informações pelos telefones (061) 311-3812 e (061) 311-3803. Serviço de Administração Econômica-Financeira/Controle de Assinaturas, com José Leite, Ivanir Duarte Mourão ou Solange Viana Cavalcante.



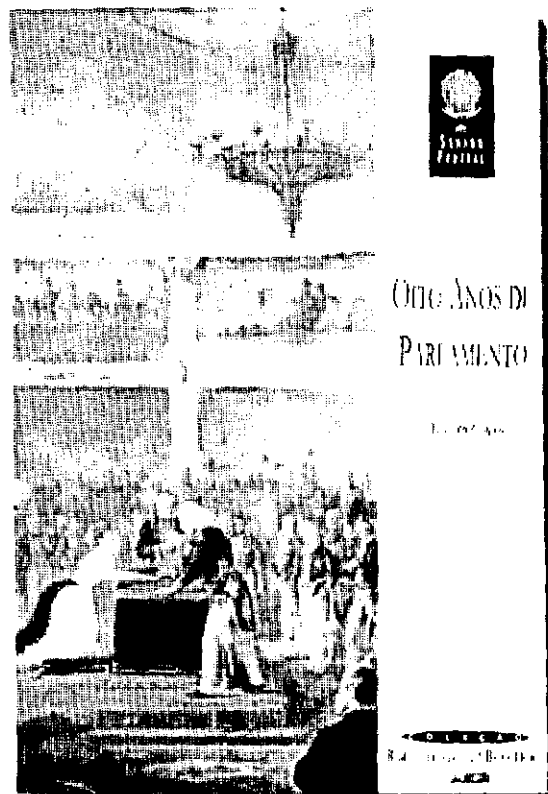
SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Oito Anos de Parlamento

Coleção Biblioteca Básica Brasileira

Relato da experiência de Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior como Deputado na Câmara dos Deputados, representando a província de Minas Gerais de dezembro de 1881 a novembro de 1889. Com 163 páginas e introdução do Senador Lúcio Alcântara.

Preço por exemplar: R\$ 15,00



Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:

Endereço:

Cidade:

CEP:

UF:

Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



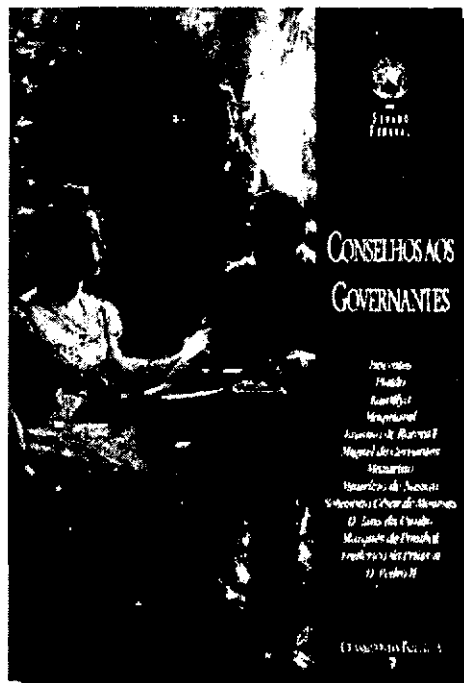
SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Conselhos aos Governantes

Coleção Clássicos da Política

Coletânea de textos de Isócrates, Platão, Kautilya, Nicolau Maquiavel, Erasmo de Roterdã, Miguel de Cervantes, Cardeal Mazarino, Maurício de Nassau, Sebastião César de Meneses, D. Luís da Cunha, Marquês de Pombal, Frederico da Prússia e D. Pedro II, com 841 páginas. Apresentação de Walter Costa Porto.

Preço por exemplar: R\$ 30,00



Conheça nosso catálogo na Internet

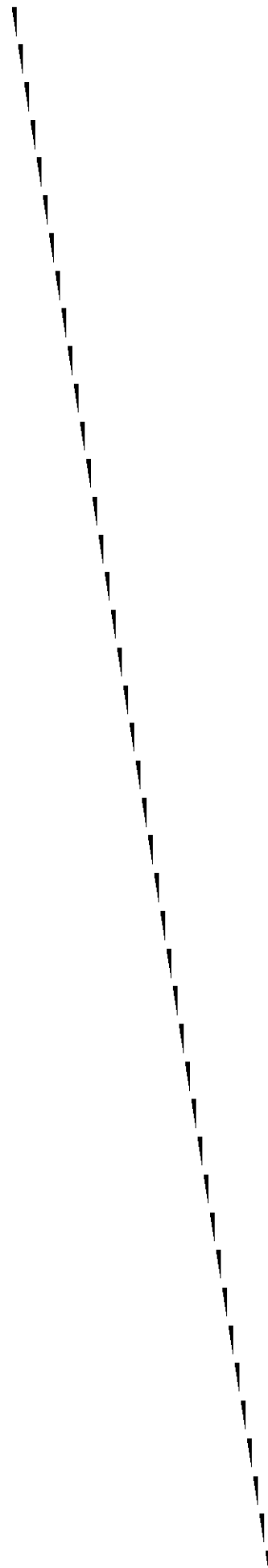
www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)





EDIÇÃO DE HOJE: 40 PÁGINAS